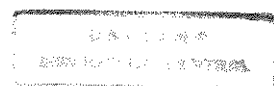


PATRÍCIA SILVESTRE DE FREITAS

O ENSINO DE BASQUETEBOL SOBRE RODAS:
DESAFIOS E POSSIBILIDADES

CAMPINAS - 1997

0818.345



PATRÍCIA SILVESTRE DE FREITAS

Este exemplar corresponde à redação final
da Dissertação defendida por
Patrícia Silvestre de Freitas
e aprovada pela Comissão Julgadora
em 12 novembro 1997

Data: 22/07/98

Assinatura: Alvaro

PATRÍCIA SILVESTRE DE FREITAS

O ENSINO DE BASQUETEBOL SOBRE RODAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre., sob orientação da Professora Dr.^a. Maria da Consolação G.F. Tavares.

CAMPINAS

1997

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA - FEF

F884e Freitas, Patricia Silvestre de
O ensino de basquetebol sobre rodas: desafios e possibilidades / Patricia Silvestre de Freitas. -- Campinas, SP: [s. n.], 1997.

Orientadora: Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes Tavares
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Basquetebol em cadeira de rodas. 2. Deficientes físicos. 3. Esportes em cadeira de rodas. I. Tavares, Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

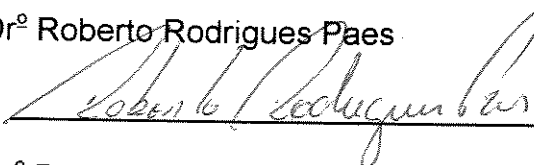
O ENSINO DO BASQUETEBOL
SOBRE RODAS: DESAFIOS E
POSSIBILIDADES.

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no curso de Pós - Graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, pela Comissão formada pelos professores:

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria da Consolação G. F. Tavares



Prof^o Dr^o Roberto Rodrigues Paes



Prof^o Dr^o Paulo Araújo Ferreira



Unicamp- 1997

Dedico este trabalho ao meu marido Marco, pela paciência, compreensão e companheirismo durante esse meu período de estudo; Dedico igualmente aos meus filhos Lucas e Caio, pelo tempo que deixei de vê-los crescer.

AGRADECIMENTOS

Na realização deste trabalho, foram muitos os que contribuíram e muitas foram as formas como o fizeram. Quero registrar o meu agradecimento a todos e, em especial, a Deus pela força e ajuda nas horas mais difíceis.

- Aos meus familiares pelo apoio e confiança, sem o que não teria conseguido realizar este trabalho;
- Em especial a minha irmã Valéria que se tornou a segunda mãe de meus filhos nas minhas ausências;
- À minha mãe Rosária pelo exemplo de força de vontade e desprendimento;
- À Associação de Paraplégicos de Uberlândia (APARU), na pessoa de Denise Maria e Fauze, que me deram a oportunidade de iniciar minha prática no basquetebol sobre rodas;
- Aos atletas da equipe da APARU, Adevair Almir, Amarildo, Clayton Eduardo, Índio, Joaquim Rita, José Joaquim, Júlio, Juvercy, Luismar, Luizão, Rone, Tião e Vilmar;

- À grande amiga Luzimar, que compartilhou comigo a amizade e o profissionalismo comigo durante esses 6 anos de convívio e aprendizado;
- À Rani, Paulinho e Sheila que muito me auxiliaram nas horas de aprendizado;
- Às amigas Ruth, Sigrid e Del, pela força nas horas difíceis;
- Ao amigo Alberto por partilhar comigo as dificuldades e os problemas;
- À Eliana e Rosy que foram muito mais que revisoras;
- À Gil pela amizade recente e ajuda na digitação deste trabalho;
- Ao Departamento de Educação Física e Esporte da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), pela liberação do afastamento concedido para esse período de estudo, sem o qual seria difícil concluir o Programa de mestrado;
- Ao programa de mestrado da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, pela oportunidade de engradecer meus conhecimentos;
- Profª. Orientadora Consolação, pela compreensão das dificuldades decorrentes da realização deste trabalho e pelas críticas e sugestões que muito contribuíram para a conclusão desta dissertação.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	viii
LISTA DE QUADROS	ix
LISTA DE GRÁFICOS	x
RESUMO.....	xi
ABSTRACT.....	xii
INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I.....	19
INDICAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	19
CAPÍTULO II	22
BASQUETEBOL	22
HISTÓRIA DO BASQUETEBOL.....	22
A CADEIRA DE RODAS	27
BASQUETEBOL SOBRE RODAS.....	36
CAPÍTULO III.....	50
BASQUETEBOL CONVENCIONAL E BASQUETEBOL SOBRE RODAS	50
O ELEMENTO CADEIRA DE RODAS.....	52
O ATLETA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA	54
CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL DO BASQUETEBOL SOBRE RODAS	56
HABILIDADES E ADAPTAÇÕES	63
CAPÍTULO IV	70
ANÁLISE DOS RESULTADOS	70
ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA E METODOLÓGICA PARA O ENSINO DO BASQUETEBOL SOBRE RODAS.....	81
DISCUSSÃO	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
ANEXO 1: QUESTIONÁRIO APLICADO PARA COLETA DE DADOS	121
ANEXO 2: REGRAS OFICIAIS DE BASQUETEBOL SOBRE RODAS	125
GLOSSÁRIO.....	135
BIBLIOGRAFIA.....	136

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- ESTRUTURA BÁSICA DA CADEIRA DE RODAS.	31
FIGURA 2 - FREME OU QUADRO DA CADEIRA DE RODAS.	32
FIGURA 3 - RODAGEM TRASEIRA E EIXO QUIKE REALESE.	33
FIGURA 4 - CADEIRA DE TRÊS RODAS.	35
FIGURA 5 - POSIÇÃO DO TRONCO PARA A PROPULSÃO DA CADEIRA DE RODAS.	96
FIGURA 6 - PROPULSÃO DA CADEIRA DE RODAS.	97
FIGURA 7 - POSIÇÃO DO TRONCO NA PROPULSÃO DA CADEIRA DE RODAS.	98

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - ANÁLISE PERCENTUAL DO PRIMEIRO ITEM A SER ENSINADO	78
QUADRO 2- ANÁLISE PERCENTUAL DO SEGUNDO ITEM A SER ENSINADO	78
QUADRO 3 - ANÁLISE PERCENTUAL DO TERCEIRO ITEM A SER ENSINADO:	79
QUADRO 4 - ANÁLISE DO QUARTO ITEM A SER ENSINADO:	79
QUADRO 5 - SEQÜÊNCIA METODOLÓGICA DESENVOLVIDA ATRAVÉS DAS ANÁLISES DOS DADOS ADQUIRIDOS NAS ENTREVISTAS REFERENTES AO BASQUETEBOL SOBRE RODAS:	80

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: RESULTADOS DA APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS DOS TÉCNICOS QUE PARTICIPARAM DO VI INTERCLUBES DE BASQUETEBOL SOBRE RODAS.	71
GRÁFICO 2 : ANO DE FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS PROFISSIONAIS ENTREVISTADOS.	72
GRÁFICO 3: COMO OS ENTREVISTADOS TIVERAM ACESSO ÀS INFORMAÇÕES SOBRE O BASQUETEBOL SOBRE RODAS (10 ENTREVISTADOS E 21 REFERÊNCIAS).....	73
GRÁFICO 4: EXPERIÊNCIA COM BASQUETEBOL CONVENCIONAL	74
GRÁFICO 5: ANÁLISE DO TEMPO DE TRABALHO DOS TÉCNICOS COM BASQUETEBOL SOBRE RODAS.	75
GRÁFICO 6: ANÁLISE DAS MAIORES DIFICULDADES ENCONTRADAS NO INÍCIO DO TRABALHO COM BASQUETEBOL SOBRE RODAS.(10 ENTREVISTADOS E 30 REFERÊNCIAS).....	76
GRÁFICO 7: ANÁLISE DO ESTÁGIO DA EQUIPE QUANDO OS ENTREVISTADOS INICIARAM NO BASQUETEBOL SOBRE RODAS.	77
GRÁFICO 8: MOSTRA A PERCENTAGEM DE PROFISSIONAIS QUE TRABALHAM COM INICIAÇÃO NO BASQUETEBOL SOBRE RODAS.	77

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar os conhecimentos disponíveis referentes ao ensino do basquetebol sobre rodas e refletir sobre a formação dos profissionais que trabalham nessa área. Apresenta, ainda, alguns caminhos metodológicos que poderão auxiliar os profissionais interessados em trabalhar com o basquetebol sobre rodas.

Este estudo se caracteriza por uma pesquisa de campo do tipo descritiva, em que se utilizou levantamento bibliográfico. A população pesquisada constituiu-se de técnicos em basquetebol sobre rodas que participaram do IV Campeonato Interclubes 1ª, 2ª e 3ª divisões, realizado em Goiânia - GO, em dezembro de 1996. A coleta de dados foi realizada, utilizando-se questionário fechado e entrevista semi-estruturada. Os resultados obtidos nesse estudo, desmistificam a idéia da utilização de profissionais especiais para trabalharem nessa área, mas reforçam a necessidade de uma melhor adequação curricular dos cursos de Educação Física, incluindo conteúdos que darão maiores subsídios aos profissionais que queiram iniciar no basquetebol sobre rodas.

ABSTRACT

The goal of study is to show the disposable knowledge of teaching wheelchair Basketball and reflect about the professional formation of ones work in the area. Show, also, some methodological ways that should help the professionals interesting in work with wheelchair Basketball. This study is characterized by descriptive field research, was used bibliographical research. The researched population was wheelchair Basketball coaches that participated on IV Campeonato Interclubes 1^a, 2^a e 3^a divisions, realized in Goiânia - GO, December 1996. Using closed questionnaire and semi-structured interview collection the dads. The resultants of this study take way the idea of utilization special professionals to work in this field, but the necessity of a better curriculum of undergraduate courses of Physical Education, included contents that will give better support of professionals that will want to work with wheelchair basketball.

INTRODUÇÃO

A atividade física tem sido utilizada desde a antiguidade como recurso na reabilitação de pacientes com diversos tipos de deficiência (SILVA, 1986). A prática do esporte pelas pessoas portadoras de deficiência física, no mundo, teve seu início somente com o retorno dos soldados mutilados, após a 2ª Grande Guerra Mundial. Algumas iniciativas em construir hospitais de reabilitação aconteceram na Inglaterra e Estados Unidos da América. O médico Ludwig Guttmann do hospital de Stoke Mondeville, na Inglaterra, utilizou o esporte como auxílio na reabilitação (STROHKENDL, 1996), (ADAMS, 1985).

O basquetebol sobre rodas surge como modalidade esportiva, primeiramente, inserido na proposta de reabilitação de portadores de lesão medular do período pós guerra. Posteriormente, com os resultados obtidos, no aumento da sobrevivência dos pacientes, que morriam em consequência de infecções secundárias, advindas do pouco conhecimento dos médicos sobre esse trauma, estendeu-se a outros tipos de deficiência física.

No Brasil, de acordo com MATTOS (1994), o desenvolvimento do esporte para pessoas portadoras de deficiência física data de 1958. Essa iniciativa se deu através de duas pessoas portadoras de

paraplegia, que foram aos Estados Unidos para se reabilitarem, Robson Sampaio e Sérgio Del Grande. Lá, esses dois brasileiros entraram em contato com o esporte para deficientes físicos. O basquetebol sobre rodas despertou o interesse de ambos e resultou na implantação dessa modalidade no Brasil: o Clube do Otimismo, no Rio de Janeiro, através de Robson Sampaio e o Clube dos Paraplégicos, em São Paulo, com Sérgio Del Grande foram as experiências pioneiras.

Apesar do esporte para deficientes físicos, no País, ter seu início oficial em 1958, é apenas a partir da década de 80 que se observa o desenvolvimento de pesquisa sobre o assunto. SILVA et al (1996) tem apontado, em seus estudos, que apenas 0,25% (zero vírgula vinte e cinco por cento) das teses e dissertações, no período de 1979 a 1994, tratam sobre esse tema. Observa-se que nenhum estudo, na área do basquetebol sobre rodas, nesse período, pôde ser encontrado. Segundo DUARTE (1992), apenas recentemente, a Educação Física começa a se preocupar com a atividade física para essa clientela. Ele considera que o desenvolvimento do quadro qualitativo e quantitativo de pesquisas nessa área vai depender basicamente das iniciativas de pesquisas das Universidades.

As considerações em relação à escassez de pesquisa e bibliografia referentes à utilização do esporte para deficientes físicos no Brasil, apontam para a seguinte questão: a prática do basquetebol sobre

rodas teve seu início através das Associações e Entidades Nacionais que organizam o desporto no País, objetivando oportunizar a participação de atletas com deficiência física em eventos esportivos, sem a preocupação com a pesquisa científica. Apenas recentemente, os currículos dos cursos de Educação Física têm focado e trazido essas questões para o meio acadêmico.

Em consequência da pouca produção científica nessa área, observa-se a escassez de material bibliográfico para subsidiar o trabalho com o portador de deficiência física no basquetebol sobre rodas. Isso direcionou os profissionais da área de Educação Física à uma visão errônea da dificuldade e especificidade relacionadas ao basquetebol sobre rodas. Sente-se essa problemática no trabalho efetivo quando, através dos anos, se dirige uma equipe de basquetebol sobre rodas. Observa-se que a dificuldade em adquirir conhecimentos adequados se generaliza entre os profissionais que atuam nessa modalidade, causando neles, em determinados momentos, angústia e frustração.

Considerando essas questões referentes ao basquetebol sobre rodas no Brasil, pretende-se com este estudo:

- a) Apresentar os conhecimentos disponíveis referentes ao ensino do basquetebol sobre rodas, desmistificando, entre os profissionais da área de Educação Física, a questão de

especificidade da modalidade em questão;

b) Refletir sobre a formação dos profissionais que trabalham com o basquetebol sobre rodas;

c) Apontar alguns caminhos metodológicos no sentido de auxiliar os profissionais que tenham interesse em trabalhar com o basquetebol sobre rodas.

Para tanto, analisou-se o tema proposto através de levantamento bibliográfico, questionário fechado, entrevistas semi-estruturadas com profissionais da modalidade de basquetebol em cadeiras de rodas, entrevistas com dirigentes nacionais dessa modalidade, oportunizando analisar a realidade desse esporte no País.

O primeiro capítulo é dedicado aos procedimentos metodológicos aplicados ao estudo em questão, mencionando os sujeitos participantes da pesquisa, descrição do material e métodos utilizados.

O segundo capítulo tem como objetivo conduzir o leitor a conhecer a história do basquetebol convencional, do elemento cadeira de rodas e do basquetebol sobre rodas.

No terceiro capítulo, analisam-se os pontos convergentes e divergentes entre o basquetebol convencional e o basquetebol sobre rodas, tais como: o equipamento utilizado; a condição do atleta, ou seja,

a deficiência perante um conceito de aptidão física e adaptabilidade no esporte; formas de classificação e categorização do basquetebol convencional e basquetebol sobre rodas e, ainda, as habilidades e adaptações necessárias ao jogo. Esses são alguns pontos fundamentais para que se possa entender como se processa a dinâmica do basquetebol sobre rodas.

O quarto capítulo, leva o leitor a conhecer os resultados obtidos através das análises dos dados do estudo em questão. Baseando-se nesses dados, através de levantamento bibliográfico, entrevistas e com a nossa experiência de seis anos atuando com o basquetebol sobre rodas, apontam-se algumas orientações metodológicas para a iniciação ao basquetebol sobre rodas.

CAPÍTULO I

Este capítulo tem por finalidade esclarecer o leitor sobre os procedimentos metodológicos, material e métodos utilizados neste estudo.

INDICAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo se caracteriza por uma pesquisa de campo do tipo descritiva, na medida em que se busca analisar e interpretar o ensino do basquetebol sobre rodas.

Foram utilizados para este estudo, levantamento bibliográfico, incluindo: periódicos científicos nacionais e internacionais dos últimos dez anos, livros, dissertações e teses relacionadas direta ou indiretamente ao esporte para pessoa portadora de deficiência física, basquetebol convencional e em cadeira de rodas. A consulta foi realizada através de arquivos localizados, primordialmente, nas bibliotecas da Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade Federal de Uberlândia (UFU); em bases de dados em CD Rom, on line e via Internet.

A população pesquisada para dar subsídios para este estudo, foi constituída pelos técnicos de basquetebol sobre rodas que participaram do IV Campeonato Interclubes 1^a, 2^a e 3^a divisões de Basquetebol sobre Rodas, organizado pela Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de rodas (ABRADECAR), realizado em dezembro de 1996, na cidade de Goiânia - GO. A escolha desse evento para pesquisar essa população, se deu pelo fato de que se coletaram informações de técnicos experientes, bem como daqueles que estavam começando na área de basquetebol sobre rodas, trazendo maiores subsídios para a investigação em questão. Outros fatores importantes, que influenciaram a escolha, foram as dificuldades de acesso às equipes que estão espalhadas por todo o Brasil.

A coleta de dados foi realizada através de dois instrumentos: questionário fechado e entrevista semi-estruturada com técnicos de basquetebol sobre rodas. A escolha dessa técnica, de acordo com (TRIVIÑOS, 1987), justifica-se pelo enfoque qualitativo desse estudo, propiciando adaptações quando necessárias e valorizando a presença do pesquisador nas entrevistas.

Para a apuração dos dados, procedeu-se da seguinte forma:

Para questionário fechado:

- utilização de análise percentual simples.

Para as entrevistas semi-estruturadas:

- a) gravação em fita cassete;
- b) transcrição literal das respostas;
- c) extração dos pontos fundamentais de cada resposta;
- d) confecção de quadros para tabulação das respostas;
- e) análise comparativa dos aspectos convergentes e divergentes nas respostas advindas dos técnicos de basquetebol sobre rodas.

CAPÍTULO II

BASQUETEBOL

O presente capítulo tem por finalidade conduzir o leitor à compreensão da história do basquetebol sobre rodas. Para isso, faz-se necessário conhecer, em um primeiro momento, a história do basquetebol convencional, a história da cadeira de rodas e, posteriormente, a história do basquetebol sobre rodas.

HISTÓRIA DO BASQUETEBOL

Por definição, de acordo com a FIBA(1994-1998: 4):

“O Basquetebol é jogado por duas equipes com cinco jogadores cada uma. O objetivo de cada equipe é de jogar a bola dentro da cesta do adversário e evitar que a outra equipe se apodere dela ou faça pontos. A bola poderá ser passada, arremessada, batida por tapas, rolada ou driblada em qualquer direção, respeitando as restrições dispostas nas regras.”

Esse esporte foi inventado em 1891, em Springfield, Estado de Massachusetts, Estados Unidos da América (EUA). O diretor do Instituto Técnico dessa cidade, Dr. Luther Halsey Gulick, recomendou a James Naismith, professor canadense de Educação Física, que desenvolvesse alguma atividade física com o intuito de motivar os alunos através de atividades mais atraentes nas aulas de Educação Física (PAULA, 1994). Após várias tentativas com o método Sueco¹, que não surtiu efeito entre os atletas. Naismith cria, então, um jogo que veio atender, objetivamente, à necessidade de:

- a) incentivar a prática de atividade física;
- b) ser realizado em local coberto e que mantivesse os atletas, em forma, durante os meses de inverno;
- c) contemplar o maior número de pessoas para praticá-lo ao mesmo tempo. (FERREIRA e JR., 1987).

Com esses objetivos, Naismith passa então a se preocupar com o tipo de material a ser utilizado nessa prática. Observou-se que a bola deveria ser grande e esférica e que pudesse ser passada e não transportada. Optou por caixas de 15 polegadas como alvo; porém, na falta desse material, utilizou os cestos usados na colheita de pêssegos,

¹ Método Sueco, conceitualmente, são exercícios combinados e calistênicos(RAMOS 1983) .

surgindo então o nome do jogo: basketball - basket = cestos/ ball = bola (FERREIRA e JR, 1987).

O surgimento desse novo esporte foi bem aceito pelos alunos e sua prática se difundiu rapidamente. Um conjunto de treze regras foi apresentado, em 1891, de forma ainda bem simples e que ainda, hoje, orienta o jogo. Dentre as regras utilizadas, podemos citar uma que permite que os dois times ocupem a mesma área, sendo os contatos pessoais ilegais; em outra regra não é permitido correr com a posse da bola. O total de cinco jogadores foi fixado, em 1897, e não modificado até hoje. (MEDALHA, 1996); (ADELINO, 1991)

Em 1892, em Buckingham Grade School, os professores começam a trabalhar o basquetebol com seus alunos sob a direção do seu idealizador Naismith. Após a criação desse esporte, várias pessoas se interessam em praticá-lo. Com o conseqüente aumento de times, foi criada, em 1898, a primeira liga de basquetebol, denominada National League, que organizou a primeira competição oficial nos Estados Unidos. Cinquenta anos mais tarde, surge a liga profissional norte americana de basquetebol, National Basquetebol Association (NBA), que hoje é considerada a organização mais desenvolvida no mundo do basquetebol (MEDALHA, 1996).

Através do desenvolvimento cada vez maior do basquetebol, criou-se, em 1932, a Federação Internacional de Basquetebol (FIBA), composta por oito países. Atualmente, conta com a participação de duzentos e um países filiados. Seu principal objetivo é organizar o desporto internacionalmente, através de regras e regulamentos dessa modalidade. Com a popularidade crescente desse esporte, a FIBA faz algumas alterações nas regras do basquetebol, visando a tornar o jogo mais rápido, atraente e democrático (MEDALHA, 1996).

No Brasil, em 1896, Auguste F. Shaw, do colégio Mackenzie, trouxe dos Estados Unidos uma bola de basquetebol. Porém, apenas em 1912, através de uma campanha iniciada pela Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro - RJ, o basquetebol é implantado definitivamente no Brasil e, a seguir, na Escola Normal, em São Paulo (BRASIL, 1980). Em 1933, funda-se a Federação Brasileira de Basketball (FBB) que, em 1935, passou a ser filiada à FIBA. Em 1941, a FBB passou a ser denominada Confederação Brasileira de Basquetebol - CBB (CURRO, 1996).

Inicialmente, o basquetebol não despertou curiosidade na população, em função de uma outra modalidade esportiva que foi trazida, quase na mesma época, ao Brasil por Charles Müller: o futebol (MEDALHA, 1996). No Rio de Janeiro, o basquetebol ganha espaço na primeira década do século, com a vinda ao Brasil de Henry J. Sims,

diretor de Educação Física da ACM, nos Estados Unidos e que organizou a primeira disputa reconhecida, em 1912.

Nas décadas de cinqüenta e sessenta, São Paulo e Rio de Janeiro se fortalecem através de novos clubes e campeonatos regionais. Aos poucos, a prática do basquetebol se expande a outros estados brasileiros.

Atualmente, o basquetebol brasileiro desponta entre os melhores do mundo. Isso se constata através dos títulos adquiridos, entre eles: 7º lugar nas Olimpíadas de Barcelona 1992 (feminino), 2º lugar (feminino), Atlanta 1996; 1º lugar (feminino) no mundial da Austrália em 1994; 1º lugar (masculino) no Pan-Americano de 1987, consagrando-se bicampeã (masculino) (ALVES, 1996). Apesar dos títulos conquistados, no que diz respeito aos aspectos organizacionais, o basquetebol brasileiro “ainda deixa muito a desejar” (MEDALHA, 1996).

Na tentativa de solução dos problemas organizacionais pelos quais passa o basquetebol no Brasil, estamos assistindo, atualmente, a uma popularização dessa modalidade no País, com aumento crescente de “escolinhas” de basquetebol. Tal fato pode ser explicado pelo interesse da mídia em divulgar os jogos regionais e nacionais; pelos resultados adquiridos pelas equipes brasileiras nas competições internacionais e pela disponibilidade das TVs por assinatura e a cabo, que possibilitam o

acompanhamento dos jogos da National Basketball Association (NBA), no momento em que estão acontecendo nas diversas partes do mundo.

A CADEIRA DE RODAS

O americano Herbert Everest, portador de paraplegia, sentia-se frustrado com sua cadeira de rodas feita em madeira, ocasionando empecilhos para sua locomoção por apresentar um peso de 41 quilos.

Em 1933, Herbert Everest junta-se ao engenheiro mecânico Harry Jennings e ambos executam um projeto de construção de uma cadeira de rodas mais leve e mais ágil, pesando 22,7 quilos. (STROHKENDL, 1996), (PARALYMPIC SPIRIT, 1996).

Esse novo modelo apresentava, porém, algumas desvantagens: tendência a quebrar com maior facilidade, necessitando de consertos freqüentes. Esses construtores continuaram aperfeiçoando cada vez mais o projeto e construíram a primeira cadeira de rodas para o basquetebol, pesando 30 quilos. Fundaram, então, a primeira fábrica de cadeiras de rodas que permaneceu no mercado por mais de cinquenta anos.

Alguns marcos referenciais sobre os aspectos da cadeira de rodas merecem destaque:

a) 1959 - Na Inglaterra, Ray Biddle desenha uma cadeira mais

leve, pesando cerca de 19 quilos e começa a produzi-la em 1961;

- b) 1960 - O time de basquetebol sobre rodas de Indianápolis experimenta uma cadeira feita por Loral Rumble e Joseph Jones, de alumínio monobloco, pesando 16 quilos. Essa cadeira também apresenta problemas para ser transportada;
- c) 1966 - Ray Biddle produziu a primeira cadeira elétrica do mundo, que iria auxiliar os portadores de deficiência física severa, como a tetraplegia;
- d) 1970 - Henk Makkenze, na Inglaterra, criou o abaulamento no design da cadeira de rodas e o protetor de raios, com o objetivo de proteger os dedos dos atletas. No mesmo ano, Jeff Minnerbraker inicia experimentos com bases aeroespaciais de alumínio refinado e inova com a introdução do quick realese (sistema de retirada das rodas traseiras com pressão de eixo) que vem auxiliar no transporte da cadeira de rodas;
- e) 1980 - Marilyn Hamilton, a partir de sua condição como portadora de paraplegia, reinventa a cadeira de rodas especialmente para esporte e atividade de vida diária, mais leve, mais compacta e com estilo, pesando 12 quilos.
- f) 1982 - Com o estudo da nova classificação do basquetebol

sobre rodas, inicia-se uma nova tendência no “design” da cadeira de rodas e sua utilização no basquetebol sobre rodas. Os princípios da biomecânica são tomados como base e enfatizam a necessidade da cadeira de rodas ser individual, direcionada ao tipo de deficiência e resíduo muscular do atleta.

Observa-se que a evolução da cadeira de rodas, aconteceu através da necessidade sentida pelos portadores de deficiência física, em melhorar tecnologicamente este equipamento. Posteriormente com a evolução do basquetebol sobre rodas, a cadeira de rodas passou a ser um elemento fundamental no auxílio técnico ao atleta. Hoje, vários estudos estão sendo desenvolvidos, no sentido de melhorar ainda mais, o potencial da cadeira de rodas esportivas, através de tipo de material utilizado, formas na estrutura do frame entre outros.

Elementos básicos da cadeira de rodas

A cadeira de rodas é constituída de:

Estrutura tubular - Designada como quadro ou “frame” (inglês), geralmente desenvolvida de acordo com o usuário, levando-se em conta o biotipo, seqüela de deficiência e posição de jogo que mais se encaixa com o jogador.

Rodas Traseiras - Composta por pneus, aros, raios, cubos e aro de propulsão. Variam de tamanho, de 24 a 26 polegadas, de acordo com o usuário. São fixadas na cadeira através de eixos removíveis, popularmente conhecido como "eixo quick release".

Rodas dianteiras - Fabricadas com poliuretano, material resistente e macio, que facilita o deslize. Geralmente, possuem 3 ou 5 polegadas de diâmetro. São fixadas em garfos, com sistema giratório que permite o direcionamento da cadeira.

Pedal - Apropriado ao posicionamento dos pés, geralmente é regulável.

Protetor Lateral (Peça bilateral) - Sua função é favorecer o equilíbrio do quadril e proteger o toque da roda com as pernas do atleta.

Aro ou volante propulsor- Utilizado para dar a propulsão à cadeira, facilitando o toque e a empunhadura e proporcionando maior agilidade à cadeira.

Protetor de raio- Tem como objetivo proteger os raios da roda, bem como os dedos do atleta no decorrer do jogo.

Placas dos eixos - Sua função principal é facilitar a cambagem das rodas traseiras e mudança do centro de gravidade da cadeira.

Atualmente, as cadeiras de rodas que estão sendo fabricadas para atletas de alto nível, não utilizam a placa de eixo, mas o eixo e cambagem fixas. Porém, para a iniciação ao basquetebol sobre rodas, aconselha-se o uso da placa de eixo regulável tanto na vertical como na horizontal.

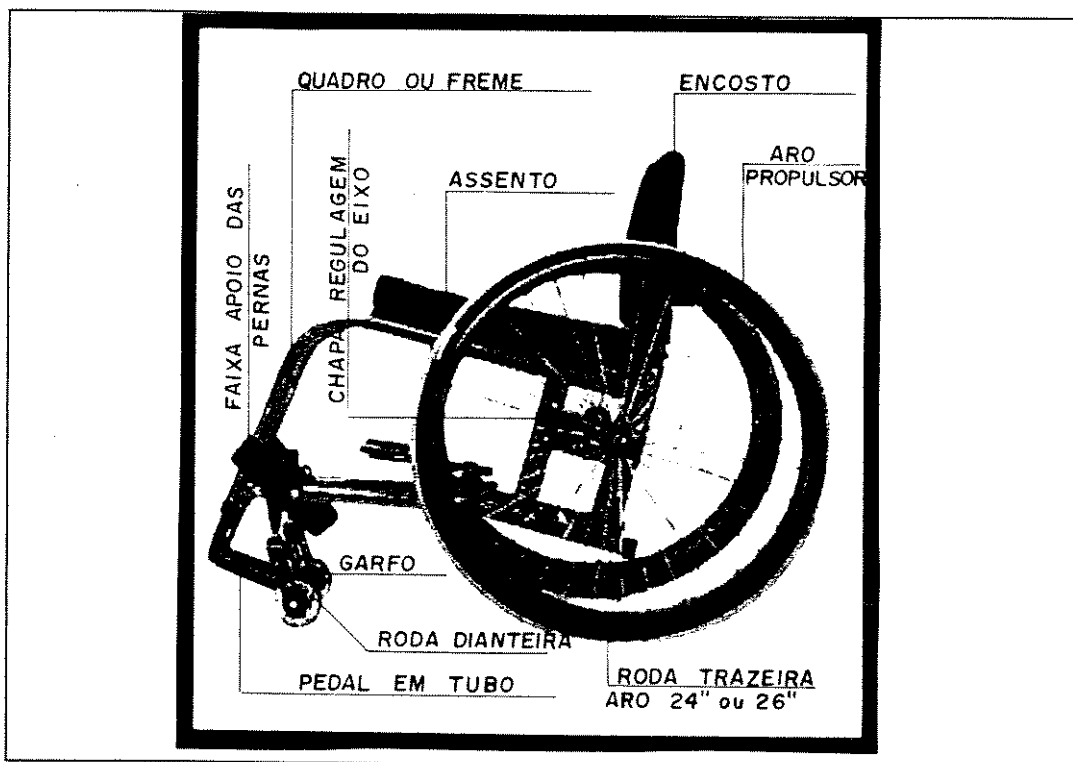


Figura 1- Estrutura básica da cadeira de rodas.

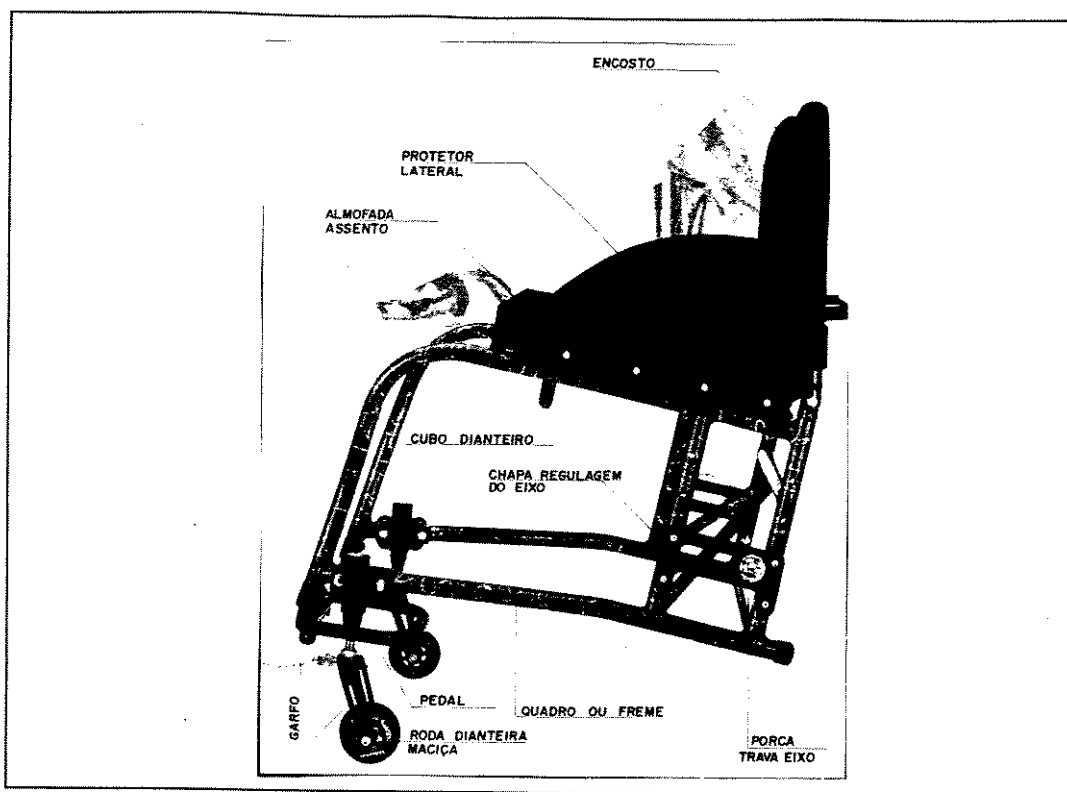


Figura 2 - Freme ou quadro da cadeira de rodas.

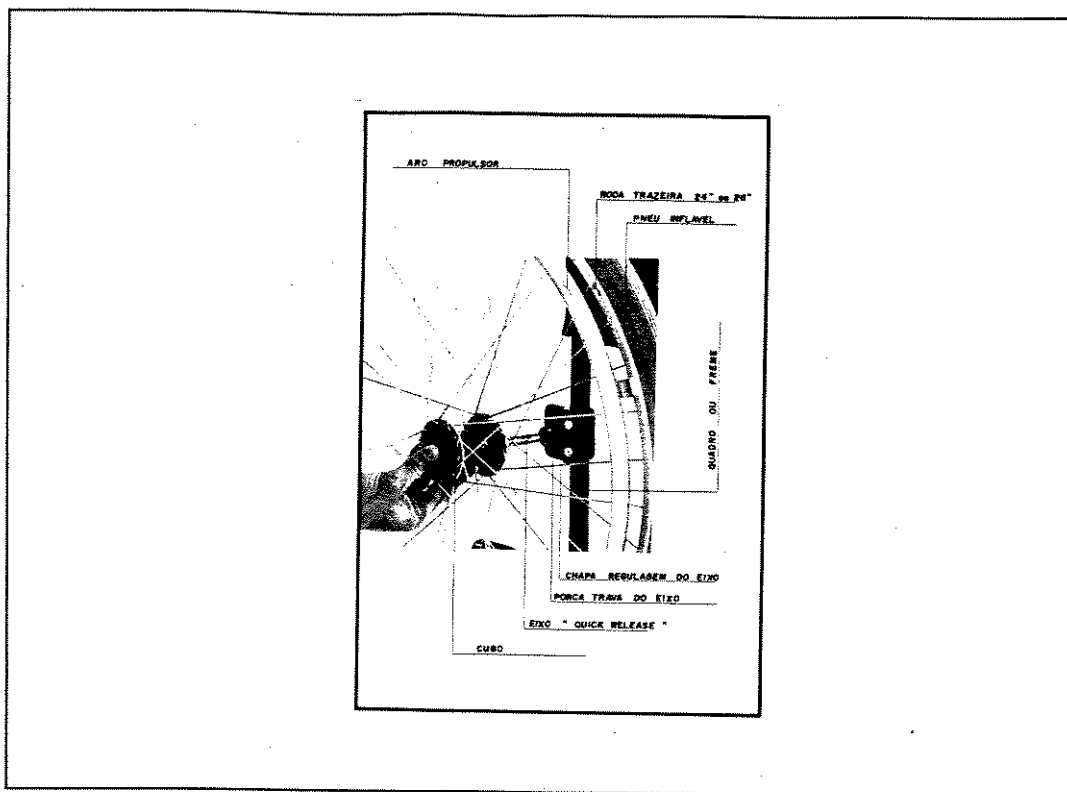


Figura 3 - Rodagem traseira e eixo quike realese.

Cadeira com três rodas:

É um “design” mais moderno da cadeira utilizada no basquetebol sobre rodas. É aconselhada para atletas que dominam a técnica de manejo de cadeira e que já se definiram quanto à posição na quadra e ao estilo de jogo. Embora seja utilizada, ainda existem dúvidas sobre seu uso, principalmente para atletas de ponto 1 e ponto 4.

As vantagens que essa cadeira apresenta são as seguintes:

- extremamente leve para manobra;
- facilidade de deslocamento;

- velocidade em linha reta;
- rápida resposta ao toque de impulsão;
- não empina para frente.

As desvantagens apresentadas são:

- maior facilidade para tombo na diagonal;
- exigência de maior domínio da cadeira, na hora do arremesso;
- desaconselhável para jogadores altos que joguem como pivô, pela sua instabilidade.

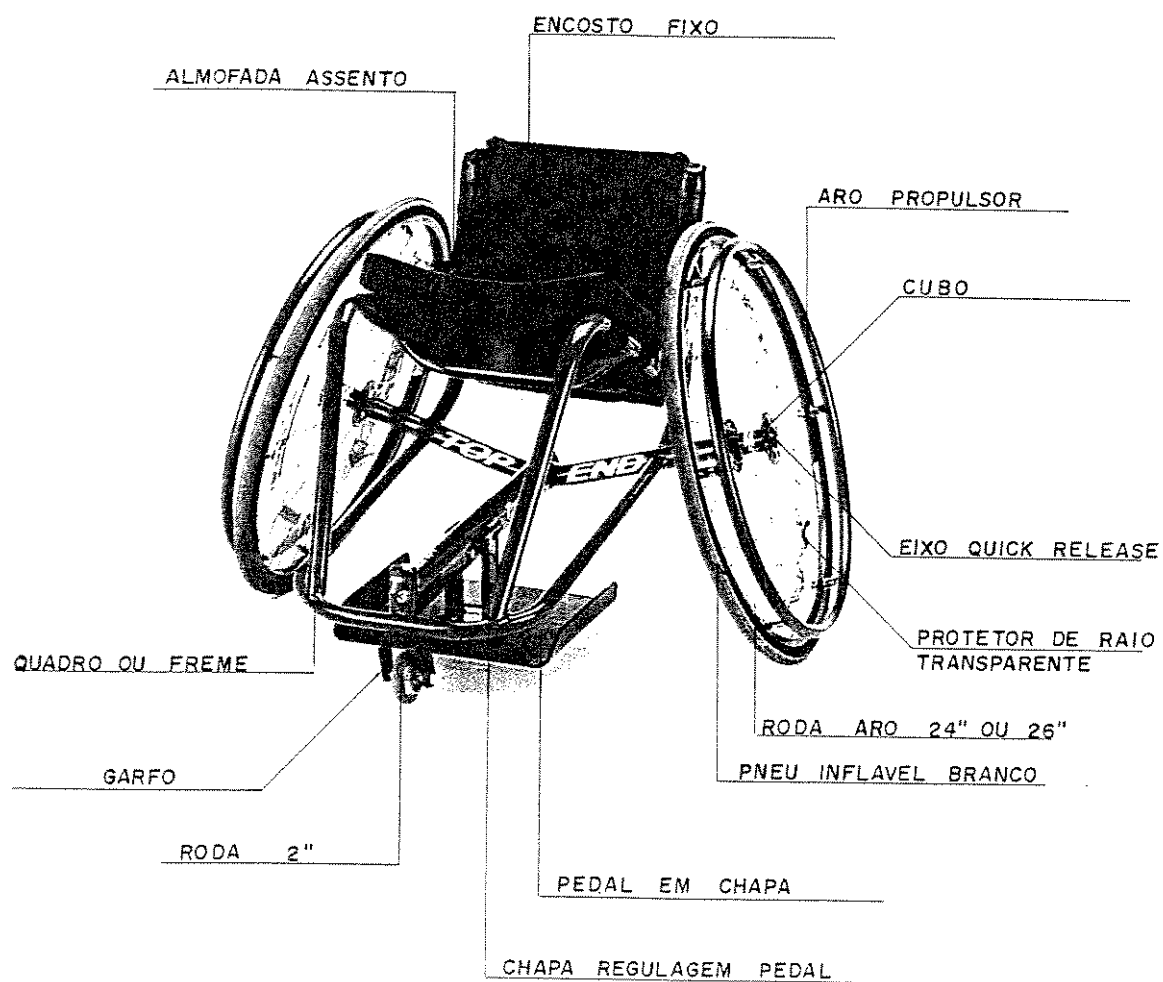


Figura 4 - Cadeira de três rodas.

BASQUETEBOL SOBRE RODAS

As raízes do esporte para deficientes físicos podem ser traçadas através da história do basquetebol sobre rodas. Faz-se necessário, portanto, reportar-se inicialmente à história do esporte para portadores de deficiência física e, concomitantemente, à história do basquetebol sobre rodas.

Em 1918, um grupo de lesionados da Primeira Grande Guerra, na Alemanha, reúne-se para praticar esporte. Em 1932, surge na Inglaterra a Associação de Golfista de um Só Braço, que não consegue efetivar a prática dessa modalidade, em virtude da restrição física de seus associados (COMITÉ OLÍMPICO ESPANHOL, 1992).

O esporte, como prática para pessoas deficientes físicas, efetivou-se na Inglaterra, no ano de 1944, mais precisamente em Aylesbury, onde foi construído o Hospital de Stoke Mondeville. O médico alemão de origem judaica, Sir Lidwig Guttman, neurocirurgião e neurologista, foi convidado pelo governo britânico a dirigir esse hospital com o objetivo de receber lesados medulares advindos da Segunda Grande Guerra (VARELA, 1991).

Ludwig Guttman introduziu, então, as atividades esportivas como parte essencial do tratamento médico para recuperação das

incapacidades geradas por lesões medulares. Depois de estudar exaustivamente o gesto esportivo, como forma terapêutica e de integração social, iniciou o que se tornaria o desencadeador da prática desportiva entre os portadores de deficiência, adaptando a prática da atividade física ao processo de reabilitação em seus pacientes (VARELA, 1991). A reabilitação buscou na atividade física, novos caminhos para possibilitar a interação dessas pessoas com a sociedade, evidenciando as capacidades residuais dos portadores de deficiência física através do esporte (ARAÚJO, 1997).

O surgimento do esporte, para os portadores de deficiência física, deu-se quase ao mesmo tempo, nos EUA, com Benjamim Lipton e, na Inglaterra, com Ludwig Guttman. As atividades desportivas, que tiveram seu início em 1944, foram o arco e flecha, tênis de mesa e arremesso de dardo. O primeiro esporte em equipe desenvolvido foi o pólo em cadeiras de rodas, que mais tarde foi substituído pelo Netball². Somente em 1947, foi introduzido o basquetebol sobre rodas (STROHKENDL, 1996).

ADAMS (1985), STROHKENDL (1996) enfatizam, ainda, que em 1946, nos EUA, veteranos de guerra lesionados iniciam a atividade de basquetebol. Esses veteranos criam o primeiro time "The Flyng Wheels"

² Esporte de equipe, desenvolvido na Inglaterra, com objetivo de acertar um alvo em forma de cesta, pendurado em um poste. (PARALYMPICS SPIRIT 1996).

(rodas voadoras), de Van Nuys Califórnia e fazem apresentações com o objetivo de despertar o interesse do público para os problemas dos traumas físicos dos deficientes e, também, estimular outras pessoas deficientes a compreenderem a sua capacidade de realizar diversas atividades, entre elas o esporte.

Esse movimento leva o Governo Norte Americano, no período de 1946 a 1948, a fundamentar o Programa de Reabilitação Desportiva. Benjamim Lipton, diretor do Joseph Bulova School of Watchmaking e Timothy Nugent, diretor de reabilitação da Universidade de Illinois se unem para organizar, treinar e promover equipes de basquetebol em cadeiras de rodas (WINNICK, 1950).

Em 1949, organizou-se o primeiro campeonato de basquetebol sobre rodas dos EUA, surgindo como fruto desse primeiro trabalho, a Wheelchair Basketball Association (WBA) que futuramente iria trabalhar com a National Wheelchair Athletic Association (NWAA) (STROHKENDL, 1996).

Por ocasião dos Jogos Olímpicos de Verão, que aconteceram na Inglaterra, em 1948, o Dr. Guttmann se aproveita do evento para criar os Jogos de Stoke Mondeville para paraplégicos.

Os Jogos de Stoke Mondeville para paraplégicos passam a acontecer anualmente e, em 1952, um grupo de atletas da Holanda é

convidado por Guttmann para participar das competições. Tal fato contribui para, a partir dessa data, surgir a mudança do nome de: Jogos de Stoke Mondeville para Jogos Internacionais de Stoke Mondeville (ISMG), possibilitando, assim, a formação da Federação Internacional de Stoke Mondeville - (ISMGF) (MATTOS, 1990), (TOQUE A TOQUE, 1988).

O esporte em cadeira de rodas era, nos EUA, até 1957, voltado exclusivamente para o basquetebol sobre rodas. Em 1960, os EUA participam, pela primeira vez, dos Jogos Internacionais de Stoke Mondeville que foi realizado juntamente com as Olimpíadas de Roma.

A organização Internacional de Esportes, a partir das Olimpíadas de Roma, instituiu a realização das PARALYMPICS³, simultaneamente, às olimpíadas ditas normais, organizadas no mesmo local, com a mesma estrutura e periodicidade (DEPAUW e GAVRON, 1995); (SUPERAÇÃO, 1988); (TOQUE A TOQUE, 1988).

Inicialmente, o jogo de basquetebol sobre rodas se assemelhava a uma mistura de basquetebol convencional e futebol americano, não tendo regras e regulamentos estabelecidos. Cada time possuía sua própria

³ Segundo Comitê Olímpico Espanhol (1994), existe outro conceito de PARALYMPICS, como sendo olimpíadas paralelas. Porém ARAÚJO (1997), discorre sobre divergências sobre este termo, que também pode ser entendido como eventos paraolímpicos de paraplégicos.

interpretação, causando prolongadas discussões sobre esse tema nas competições; discussões essas que nem sempre satisfaziam os times (STROHKENDL, 1996). Nesse sentido, Tim Nugget, a partir de 1949, juntamente com a NWBA, organiza discussões com o intuito de homogeneizar entre as equipes de basquetebol sobre rodas os princípios básicos para nortear as regras e regulamentos desse esporte (BRASILE, 1986); (STROHKENDL, 1996).

Em uma primeira análise da história do esporte para portadores de deficiência, pode-se observar que duas linhas distintas se formam a partir da Segunda Grande Guerra e caminham paralelas cada qual com seu objetivo. Uma delas, com enfoque médico, representada por Dr. Guttmann, na Inglaterra, utiliza para seus pacientes o esporte como auxílio na reabilitação. Outra linha, vinda dos Estados Unidos, utiliza o enfoque esportivo como forma de reinserção social, dando a conotação competitiva utilizada pelo desporto, culminando com organizações esportivas distintas.

Essas linhas, no decorrer da história, se cruzam formando objetivos comuns. Saindo do componente médico/terapêutico, estendem-se à incorporação crescente da prática esportiva e do desporto de rendimento, procurando a integração do atleta e sua reabilitação social (VARELA, 1991).

Robson Sampaio e Sérgio Del Grande, portadores de paraplegia, ao retornarem dos EUA, após reabilitação, em 1958, e tomarem contato com o basquetebol sobre rodas, trazem para o Brasil essa modalidade.

Sérgio Del Grande, no seu retorno ao Brasil, não tinha intenção de formar clubes para a prática do basquetebol sobre rodas, conforme esclarece em entrevista, DEL GRANDE apud ARAÚJO(1997:7);.

“... Mas depois em novembro de 1957 a AACD⁴, trouxe um time dos PAN JETS que eram funcionários da empresa PAN AMERICAN WORLD AIR WAYS que ficaram paraplégicos e continuavam a trabalhar na empresa e praticar esporte. Este grupo veio fazer jogos de exibição nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Aqui no ginásio do Ibirapuera eles demonstraram as modalidades de basquetebol, tênis de mesa e arco e flecha.

Um dos elementos, que se chamava Jean Quellog, sugeriu que eu fundasse um clube de paraplégicos aqui no Brasil. Foi aí que eu me entusiasmei. Levando-o para passear aqui em São Paulo, ele foi me dando dicas de como eu deveria agir, foi me passando algumas orientações sobre a cadeira

⁴ Associação de Assistência à Criança Defeituosa

de rodas esportiva. ...”

Em São Paulo, Del Grande funda o clube dos Paraplégicos em 23 de julho de 1958, enquanto Robson Sampaio funda, em 1º de Abril de 1958, o Clube do Otimismo no Rio de Janeiro. Formam-se, assim, as duas pioneiras equipes de basquetebol sobre rodas do Brasil (MATTOS, 1990).

O primeiro jogo de basquetebol em cadeira de rodas foi realizado no Maracanãzinho, Rio de Janeiro, entre as equipes paulista e carioca (SUPERAÇÃO, 1988). A partir de então, vários amistosos aconteceram, incentivando o aparecimento de outros clubes e equipes dessa modalidade, entre eles: Clube dos Paraplégicos do Rio de Janeiro (CPRJ) em 1965, Sociedade Amigos dos Deficientes Físicos (SADEF), em 1979. Ressalta-se o interesse dos dirigentes desses clubes em organizar o desporto nacional.

A primeira participação internacional da equipe brasileira de basquetebol sobre rodas foi nos 2º Jogos Pan Americanos em Buenos Aires, Argentina, em 1969, com equipe formada por paulistas e cariocas. Apesar das dificuldades advindas da falta de patrocínio e credibilidade dos órgãos governamentais, essa modalidade trouxe a medalha de bronze e muita esperança para o esporte voltado para portadores de deficiência física no Brasil (SUPERAÇÃO, 1988).

O Brasil, em 1972, participa pela primeira vez das Paraolimpíadas na cidade de Heidelberg - Alemanha Ocidental, trazendo o atleta Cláudio Araújo como o melhor ponto 4⁵ do mundo, no basquetebol sobre rodas (TOQUE A TOQUE, 1988). A partir daí, as participações brasileiras se tornaram efetivas e o resultado na modalidade de basquetebol sobre rodas se repete nos 3º Jogos Pan Americanos, na Jamaica, em 1971, e no 4º Pan Americano, no Peru, em 1973. A participação do Brasil nesse Pan Americano, com duas delegações, uma de São Paulo e outra do Rio de Janeiro, torna-se inusitada, em virtude de desentendimentos políticos entre os dois Estados, por ocasião da convocação dos atletas que iriam representar o Brasil e por não haver uma entidade nessa época, que agregasse e organizasse o desporto nacional. (SUPERAÇÃO, 1988).

Organização do basquetebol sobre rodas no Brasil.

Após a participação do Brasil nos jogos Pan Americanos, no México, em 1975, deu-se início a uma nova fase do desporto nacional para deficientes. O retorno das delegações, que representaram o Brasil nesse Pan Americano, marca a criação da Associação Nacional de Desporto para Excepcionais (ANDE), que tem como objetivo organizar

⁵Classificação utilizada pelo basquetebol sobre rodas para definir o potencial residual do atleta, vide pg.56 "classificação funcional".(N.A)

melhor esse desporto. Em 1978, a ANDE organiza o 5º Pan Americano no Rio de Janeiro, Brasil (SUPERAÇÃO, 1988); (MATTOS, 1990).

Paralelamente, a equipe de basquetebol sobre rodas do Brasil participa, a partir de 1974, do mundial de Stoke Mondeville, Inglaterra, sendo campeã, em 1977, do segundo grupo. Em 1980, apenas um time de basquetebol sobre rodas, com oito atletas, representou com grandes dificuldades o Brasil nos Jogos Olímpicos da Holanda. A partir daí, as participações em jogos internacionais foram freqüentes. Toda essa movimentação do esporte, para portadores de deficiência, traz à tona as questões referentes a essa área.

A partir de 1976, a Organização das Nações Unidas (ONU) iniciou a preparação de um plano de ação mundial de atuação para portadores de deficiência. Um dos seus objetivos foi o de conscientizar o mundo quanto à problemática das pessoas portadoras de deficiência, culminando o ano de 1981, como o ano Internacional dedicado à pessoa portadora de deficiência. O Brasil, membro integrante dessa organização, desenvolveu ações voltadas a esse segmento, através de associações comunitárias, alguns órgãos federais, estaduais e municipais (SILVA, 1986).

Com a criação da ANDE em 1975, que reunia todo tipo de pessoas portadoras de deficiência, formaram-se, a partir de 1984,

entidades nacionais que agregavam deficiências afins, surgindo em 1984: a Associação Brasileira de Desporto para Cegos (ABDC), em 1987: a Associação Brasileira de Cadeiras de Rodas (ABRADECAR), em 1990: a Associação Brasileira de Desporto para Amputados (ABDA), entre outras.

A ABRADECAR começa a incentivar, especificamente, a prática competitiva do basquetebol sobre rodas no Brasil, através de promoção de campeonatos regionais e nacionais, organizando equipes brasileiras para participarem em campeonatos internacionais.

Assim, o basquetebol sobre rodas começou a atentar para detalhes técnicos, táticos e tecnológicos em função das mudanças ocorridas no mundo, no período de 1982 a 1986, na classificação funcional, regras do basquetebol sobre rodas e nas medidas das cadeiras de rodas. Essa nova conotação dada ao basquetebol sobre rodas, no mundo, é acompanhada pelo basquetebol sobre rodas brasileiro, que até então se processava de forma casuística entre seus participantes.

De acordo com entrevista de MARINHO⁶, o basquetebol em cadeira de rodas começa a tomar um outro rumo, a partir de 1988, com o

⁶ Entrevista realizada em 16/12/1996 na cidade de Goiânia GO. Entrevistado: Paulo César Marinho, paraplégico, jogador de basquetebol sobre rodas há 15 anos e integrante da equipe Brasileira até 1995.

interesse de profissionais nessa modalidade. Um deles, Ranieiro Bassi, atleta suíço de basquetebol sobre rodas, vem morar no Brasil, trazendo experiências adquiridas na Europa, onde havia uma liga independente e campeonatos de basquetebol sobre rodas durante todo o ano. Bassi em entrevista concedida, em 1996⁷, relata suas impressões sobre o basquetebol no Brasil nessa época:

“Em 1987, cheguei ao Brasil e assisti, pela primeira vez, a um campeonato brasileiro de basquetebol em cadeira de rodas; fiquei muito surpreso com o nível técnico das equipes e material tecnológico. As cadeiras eram muito atrasadas em relação ao resto do mundo”.

Não só as cadeiras eram obsoletas; também as questões relativas à troca de informações sobre o basquetebol sobre rodas entre técnicos e atletas eram pouco divulgadas, no meio do esporte, para pessoas portadoras de deficiência física. Durante o Campeonato Brasileiro de Basquetebol Sobre Rodas, na cidade de Curitiba, no ano 1988, ocorre o encontro de profissionais (Ranieiro Bassi, atleta e técnico em basquetebol sobre rodas; Sheila Bastos Salgado, fisioterapeuta; Gilson Ramos, professor de Educação Física e técnico de equipe de

⁷ Entrevista realizada em 16/12/1996 na cidade de Goiania GO. Entrevistado: Ranieiro Bassi, atleta e técnico de basquetebol sobre rodas há 18 anos.

basquetebol sobre rodas), que interessam-se em desenvolver um trabalho, voltado para as questões relativas ao basquetebol sobre rodas no Brasil.

Nas Paraolimpíadas de SEOUL, em 1988, após várias discussões e troca de experiências, formou-se a seção de basquetebol sobre rodas dentro da ABRADecAR. O objetivo dessa seção foi o de organizar a prática do basquetebol sobre rodas a partir de três pontos principais de acordo com depoimento de Bassi:

- a) Traduzir as regras e regulamentos, para que os clubes tivessem oportunidade de conhecê-las, pois na época o acesso a essas informações ficava, apenas, em poder de juízes e dirigentes.
- b) Regulamentar em nível nacional, as informações relativas à classificação funcional dos atletas portadores de deficiência, organizada por Sheila Salgado. Este trabalho foi feito através de cursos, palestras e apostilas, nos campeonatos de basquetebol em cadeira de rodas, abrangendo tanto os técnicos como os atletas e dirigentes.
- c) Organizar as divisões, que foi um outro fator fundamental para o desenvolvimento do basquetebol sobre rodas no Brasil.

Os campeonatos eram organizados, inicialmente, com times tecnicamente fortes e fracos. Essa forma de organização causava um desequilíbrio técnico que prejudicava os atletas, contribuindo para um índice técnico baixo e desmotivante; utilizava ainda o rankiamento único, com doze times participantes. Para organizar uma nova proposta de trabalho no basquetebol sobre rodas, inicialmente as doze equipes foram rankiadas e os oito times melhores colocados no campeonato Brasileiro de Basquetebol sobre rodas que acontecia, em Vitória - ES, em 1988.

Esses times foram divididos em 2 classes: os oito melhores times ficaram na recém formada 1ª divisão, as outras 4 equipes formaram a 2ª divisão. Essa 2ª divisão receberia os times iniciantes. Quando esse número chegou a 8 times, surgiu então a 3ª divisão que, de acordo com os dados obtidos através de entrevista com Marinho e Bassi, foi o ponto mais interessante nessa forma de organização, por dar oportunidade a times iniciantes de participarem e aprenderem vivenciando a prática da competição.

A 3ª divisão iniciou com dezesseis times; isso mostra o fortalecimento do basquetebol sobre rodas, que estava ocorrendo nessa época, no Brasil. Desse modo, os times iniciantes no basquetebol sobre rodas começam na 3ª divisão e os dois primeiros colocados passam para a divisão superior (2ª divisão) e, os dois primeiros colocados, na 2ª divisão passam para a 1ª divisão. O rankiamento principal fica na 1ª

divisão. As equipes colocadas em 7º e 8º (penúltimo e último) lugares de suas divisões, seriam rebaixadas para divisão inferior.

Com respaldo na história, pode-se analisar que o basquetebol em cadeira de rodas foi desenvolvido, a partir do interesse de portadores de deficiência física em adaptá-lo à sua condição, seja com objetivo de atividade física utilizada na reabilitação ou esporte de competição (ADAMS, 1985). Também se pode considerar o interesse de alguns profissionais em organizar, incentivar e dar informações a clubes e atletas, na tentativa de melhorar o nível do basquetebol sobre rodas no Brasil.

CAPÍTULO III

Neste capítulo, o leitor poderá analisar as diferenças entre o basquetebol convencional e do basquetebol sobre rodas, através de alguns pontos como: o elemento cadeira de rodas, o atleta com deficiência física, a classificação funcional, as habilidades e adaptações.

BASQUETEBOL CONVENCIONAL E BASQUETEBOL SOBRE RODAS

Conceitualmente, enquanto atividade física, o basquetebol convencional é uma sucessão de esforços intensos e breves, realizados em ritmos diferentes, sendo um conjunto de corridas, saltos e lançamentos (DAIUTO, 1989).

O basquetebol sobre rodas, de acordo com GUTTMANN apud BRASILE(1996:89):

“é um jogo extremamente dinâmico para os paralisados, trazendo para todo o jogo um ajustamento de forças do sistema neuro-muscular, promovendo um alto nível de integração, resultando em um completo domínio da cadeira de rodas. Como o futebol, rugby e hockey, eles requerem

não somente dificuldades nas aquisições de habilidades e resistência, mas não menos importante o trabalho e espírito de equipe. Acima de tudo, o esporte procura em cada jogo o altíssimo grau de integração sensório motora e sua própria disciplina.”

Assim, o basquetebol convencional e o basquetebol sobre rodas, com suas adaptações, são jogos extremamente emocionantes, rápidos e se fundamentam em habilidades motoras, ou seja, quanto mais hábil, mais chances o atleta tem de driblar, lançar, arremessar, passar a bola e pegar rebote. Esse esporte é uma atividade aeróbica por natureza, necessita de grande precisão e velocidade, ou seja, um grande domínio das habilidades específicas (PAULA, 1994).

Onde estaria então o ponto de divergência do basquetebol convencional para o basquetebol sobre rodas?

Podem-se listar 4(quatro) pontos fundamentais:

- a) O elemento cadeira de rodas;
- b) O atleta com deficiência física;
- c) A classificação funcional e instalação na cadeira de rodas;
- d) Habilidades e adaptações;

O ELEMENTO CADEIRA DE RODAS

Os avanços na tecnologia de equipamentos, para pessoas portadoras de deficiência em todos os níveis, têm aumentado e contribuído para a melhoria da performance dos atletas com deficiência. Em especial, o esporte tem assistido a um novo avanço na utilização de equipamentos especializados, por atletas de todas as modalidades e, especialmente, o basquetebol sobre rodas. Esses avanços na cadeira de rodas não são só evidenciados no "design", mas também na funcionalidade durante o jogo, peso e facilidade no seu transporte (PARALIMPCS SPIRIT, 1996). Nesse sentido, várias fábricas no mundo como: SOPUR, OTTO BOCK, QUIKE e, no Brasil: ORTOBRÁS, ORTOSHOP, ORTOTEC, fabricam cadeiras de rodas de alumínio ou aço, exclusivas para o basquetebol sobre rodas, com peso abaixo de 9(nove) quilos e de fácil transporte, contribuindo para o desenvolvimento dessa modalidade.

No basquetebol sobre rodas, as características da cadeira de rodas passam a ter uma grande importância na dinâmica do jogo e na aquisição de habilidades individuais e coletivas. Esses elementos dão a conotação de competitividade inerente a essa modalidade, no que diz respeito a habilidades específicas, velocidade, agilidade entre outros (BRASILE, 1990); (VANLANDEWIJCK, SPEPEN, and LYSENS, 1995).

A utilização da cadeira de rodas no jogo de basquetebol, mesmo para aqueles que apenas são espectadores, se torna um ponto de diferenciação entre o basquetebol convencional e o basquetebol sobre rodas.

A cadeira de rodas para o deficiente físico é a extensão de seu próprio corpo. No jogo de basquetebol sobre rodas, esse equipamento passa a ter uma conotação, não apenas de portar o deficiente para sua locomoção, mas contribuir na melhoria de suas habilidades em quadra (CURSO DE CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL DE BASQUETEBOL SOBRE RODAS, 1990). Dessa forma, SALGADO (1993) relata que, para que haja uma perfeita integração entre cadeira e jogador, tendo conseqüentemente um aproveitamento técnico durante o jogo, é necessário que se verifique a adaptação individual da cadeira de rodas ao tipo de deficiência do atleta, de acordo com seus resíduos musculares, bem como sua função na quadra de jogo.

A cadeira de rodas deve estar bem ajustada ao atleta, ou seja, nem larga, para que ele não fique totalmente solto dentro dela e, nem estreita, para não tolher seus movimentos.

O ATLETA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA

O termo “deficiente” tem sido discutido por vários autores, tendo significados diferentes. Conceitualmente entende-se como sendo pessoas deficientes todas aquelas que estão abaixo dos padrões de “normalidade” estabelecidos pela sociedade, por motivos físicos sensoriais, orgânicos ou mentais (SILVA, 1986).

Autores como GOFFMAN (1982); RIBAS (1993); SOMBRA (1983), mostram as contradições geradas por termos como: *capacidade e incapacidade, normal e anormal, apto e inapto*. Sob o ponto de vista do senso comum, esses conceitos são freqüentemente utilizados; no entanto, poucas pessoas conseguem indicar claramente os limites do que é normal ou anormal em uma mesma cultura ou culturas diferentes (CARMO, 1991).

Embora não seja o objetivo do estudo em questão discutir as definições de deficiência, pode-se entender que os conceitos relativos a esse item refletem a época em que tais conceitos são veiculados e os paradigmas em constante mudança.

Desta forma, para este estudo, entende-se por deficiência, o conceito de COSTA (1993: 43) “... toda e qualquer alteração no corpo humano, resultado de um problema ortopédico, neurológico ou de má

formação, que leva o indivíduo a uma limitação ou dificuldade no desenvolvimento de alguma tarefa motora.”

Se considerarmos que a deficiência diz muito pouco em relação à atividade motora do indivíduo e que os movimentos são condições necessárias, mas não suficientes para realização de um ato motor (CONNOLLY, 1985), qual seria então a adaptação do atleta deficiente no basquetebol convencional?

Analisando o biotipo dos atletas do basquetebol convencional, observa-se que seus praticantes têm características específicas: atletas altos, com grandes envergaduras, onde a base de muitas habilidades está nos membros inferiores. No basquetebol convencional, desde os primeiros anos de sua existência, a altura dos atletas tem sido fator marcante nos jogos e ainda perpetua. Atletas com 1,98m no basquetebol convencional, são considerados “baixinhos” (CURRO, 1996).

Em relação aos atletas em cadeira de rodas, o fator altura é um ponto de extrema discrepância, pela própria situação dos atletas jogarem sentados. Esse diferencial revela que os atletas deficientes se encontram em um nível de altura física mais baixa que os atletas “andantes”, sem qualquer adaptação nas regras referentes à altura da cesta de basquetebol.

Nesse aspecto BRASILE (1990) destaca, através de seus estudos comparativos de habilidades em atletas de cadeira de rodas e atletas "andantes", no que diz respeito a desenvolvimento técnico e tático, que os atletas em cadeira de rodas têm resultados substanciais e nada deixam a desejar em relação aos atletas "andantes".

Assim, nas habilidades requeridas no basquetebol, o nível de aquisição e domínio, nos atletas deficientes e atletas "andantes", traz as mesmas características, ou seja, a deficiência não é fator de impedimento para execução técnica dos fundamentos desse esporte (BRASILE, 1996); (STROHKENDL, 1996).

No basquetebol sobre rodas, não encontra-se assim diferenças, quando as habilidades utilizadas no basquetebol convencional, apenas algumas adaptações. Sendo assim, esta modalidade especificamente abre um espaço para novas reflexões quanto ao status (eficiência x deficiência) do aluno deficiente e suas possibilidades.

CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL DO BASQUETEBOL SOBRE RODAS

Conceitualmente a classificação para a prática desportiva, para pessoas portadoras de deficiência, constitui-se em um fator de nivelamento entre os aspectos da capacidade física e competitiva, colocando as deficiências semelhantes em um grupo determinado. Esse

fator significa, para atletas deficientes físicos, igualar a competição entre indivíduos com várias seqüelas de deficiência, onde o sistema de classificação eficiente é o pré-requisito para uma competição mais equiparada (STROHKENDL, 1996).

GUTTMANN (1976:35) descreve o objetivo da classificação em esporte de cadeira de rodas como: "Assegurar a competição justa e eliminar as possibilidades de injustiças entre participantes de classes semelhantes e dar prioridade para as mais severas desabilidades."

A importância dos princípios que governam o mundo dos esportes para atletas deficientes tem função de extrema importância na classificação das habilidades ou inabilidades, para assegurar a igualdade na competição (SHERRIL apud VARELA, 1991).

O primeiro tipo de classificação, para portadores de deficiência física, foi desenvolvido, no início do esporte para deficientes físicos, na Inglaterra, em 1944, através de médicos e especialistas da área de reabilitação. Esta classificação foi desenvolvida para lesado medular parcial ou total, baseada no nível de lesão da medula,⁸ (DEPAUW e GAVRON, 1995); (PARALIMPIC SPIRIT, 1996). Pelo fato dessa

⁸ Esta classificação era realizada por médicos através de testes neurológicos e de força muscular, sem preocupação com o resíduo muscular utilizado nas habilidades requeridas nas modalidades esportivas.

classificação se fundamentar, exclusivamente, nas características médicas, observaram-se vários pontos discordantes com a prática desportiva, onde o atleta muitas vezes não utilizava seu verdadeiro potencial muscular. Dessa forma, SHERRIL(1993) relata ainda que esse sistema de classificação se mostrou, com o passar do tempo, problemático por classificar pessoas com lesões incompletas, amputações e poliomielites, sendo incapaz de agrupar os vários tipos de deficiência e funcionalidade, resultando em um número excessivo de classes. A classificação, então, foi objeto de discussão e estudo e, em 1976, o Professor Horst Strokendl pesquisou, como tese de doutorado, uma nova forma de classificação: a classificação funcional.

As bases iniciais da classificação funcional do basquetebol sobre rodas, foram propostas pelo Alemão Horst Strohkendl e corrigidas por Phill Craven (jogador) e B. Courbariaux (professor de Educação Física) e aplicadas pela primeira vez, em 1984, nos Jogos Mundiais para Deficientes na Inglaterra. Esse sistema foi aperfeiçoado e aceito para ser usado nos Jogos Paraolímpicos de Barcelona, em 1992, (BRASILE, 1996); (STROHKENDL, 1996).

De acordo com COURBARIAUX (1988), essa classificação é realizada após análise do potencial de ação de cada atleta, incluindo avaliação de tronco, equilíbrio sentado, propulsão na cadeira de rodas, drible, arremesso e rebote, através de testes e avaliação em situação de

jogo. Esse método consiste em uma categorização que o atleta recebe em função de seu volume de ação, ou seja, a capacidade de realizar movimentos, colocando em evidência as potencialidades dos resíduos musculares, de seqüelas, de algum tipo de deficiência, bem como músculos que não foram lesados. Essa avaliação é feita através de testes musculares funcionais e observação durante o jogo (VANLANDEWIJCK, SPAEPEN, and LYSSENS, 1995).

Através da classificação funcional, o jogo de basquetebol sobre rodas passa a utilizar 4(quatro) classes distintas: classes 1, 2, 3 e 4. Elas se distinguem pelo nível funcional de equilíbrio e pelo movimento do tronco, que afeta diretamente a performance nas habilidades. As classes são elemento fundamental usado na categorização dos atletas, para um jogo mais justo. Com o objetivo de facilitar a classificação e participação daqueles atletas que apresentam qualidades de uma e de outra classe distinta, os chamados de casos limítrofes (Bordeline Case) são criadas ainda 4(quatro) classes intermediárias: classes 1,5 - 2,5 - 3,5 e 4,5 (STROHKENDL apud BRASILE, 1996) .

No jogo propriamente dito, os cinco atletas deverão somar o máximo de 14 pontos em quadra, distribuídos da forma que melhor convier ao técnico, dando assim oportunidade para os paraplégicos ou deficientes com seqüelas mais sérias participarem do jogo.

Esse sistema de classificação é utilizado oficialmente pela International Wheelchair Basketball Federation (IWBF) nos jogos internacionais, e acatado no Brasil, onde esse sistema é utilizado em todos os jogos nacionais.

Classificação funcional e instalação na cadeira de rodas

As habilidades dos atletas no basquetebol sobre rodas estão diretamente relacionadas com o nível de lesão e resíduo muscular que cada um possui, em função das seqüelas da sua deficiência. Partindo da classificação funcional, os profissionais da área podem e devem procurar aperfeiçoar o potencial de ação dos alunos, melhorando sua instalação na cadeira para compensação das deficiências físicas e, conseqüentemente, desenvolvendo as habilidades em quadra. (CURSO DE CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL DE BASQUETEBOL SOBRE RODAS, 1990).

Embora utilizada para competições, a classificação funcional deu grandes subsídios para melhor entender, respeitar e trabalhar o potencial residual dos atletas, trazendo à luz da tecnologia, um novo entendimento no “design” da cadeira de rodas, que passa a ser individualizada, respeitando os limites impostos pela deficiência, bem como valorizando seu potencial residual.

A classificação funcional é o aspecto que traz a maior diferença em relação ao basquetebol convencional, que utiliza a categorização por idade e sexo (mirim, infantil, juvenil e adulto), sem nenhuma conotação anatômico-fisiológica como é utilizada no basquetebol sobre rodas.

No basquetebol sobre rodas, não existem categorias por idade. Essa inexistência de categoria por idade, vem sendo discutida no âmbito nacional e internacional do desporto. Os aspectos relativos à falta de uma categoria por idade, no basquetebol sobre rodas, vêm prejudicando o seu desenvolvimento em virtude de problemas que acarretam aos atletas iniciantes em nível motivacional e emocional, entre outros. No Brasil, a ABRADCAR, como forma de incentivar a prática do basquetebol sobre rodas, regulamentou no congresso técnico dos Jogos Brasileiros realizado na cidade de Cubatão, no período de 13 a 18 de outubro de 1990, a participação de atletas femininos e iniciantes em equipes masculinas, com os seguintes incentivos:

A) As atletas femininas que participaram das equipes masculinas são classificadas normalmente, porém ganham um bônus de 1 ponto a menos na participação de competições.

B) Os atletas iniciantes foram beneficiados na sua 1ª e/ou 2ª temporada com a diminuição de sua classificação normal⁹, tal como segue-se:

- Os atletas de classe 1 e 2 terão sua classe reduzida de 0,5 pontos por duas temporadas;

- Os atletas de classes 3 e 4 terão suas classes reduzidas em 0,5 pontos por duas temporadas.

C) O atleta menor de 18 anos foi beneficiado com o bônus de 1 ponto a menos na sua classificação no jogo até o ano que completar 18 anos e, conseqüentemente, na pontuação da equipe em quadra.

Essas atitudes culminaram com a organização de equipes femininas e um aumento no número de participantes nessa modalidade. A partir de 1994, esses regulamentos foram revogados em reunião técnica (ATA DO CONGRESSO TÉCNICO DO CAMPEONATO BRASILEIRO 1991 - CUBATÃO)

⁹ A temporada de basquetebol sobre rodas compreende o período que vai dos torneios brasileiros de 1ª, 2ª e 3ª divisões até o próximo torneio que não é incluído na respectiva temporada (Ata do Congresso Técnico, em Cubatão SP em 12/09/91).

HABILIDADES E ADAPTAÇÕES

Habilidades

As habilidades desenvolvidas no basquetebol sobre rodas necessitam de aprimoramento no que diz respeito à utilização dos fundamentos básicos do basquetebol convencional tais como: coordenação, ritmo, equilíbrio, agilidade, força, velocidade, flexibilidade e resistência cardiorespiratória (FERREIRA e JR, 1987), pois, no contexto da aprendizagem do basquetebol convencional, o deslocamento, o equilíbrio do corpo no espaço, se torna fator essencial na aquisição de habilidades requeridas nessa modalidade (PAULA, 1994). Já no basquetebol sobre rodas evidencia-se, além das habilidades requeridas no basquetebol convencional, a necessidade da introdução de mais uma habilidade: o manejo da cadeira de rodas.

Ao se analisarem, comparativamente, as corridas, giros, saltos e paradas do basquetebol convencional, o repertório do basquetebol sobre rodas se torna mais limitado e essencialmente diferente nas paradas, condução, volta em obstáculos, movimentos para o lado e cruzamentos, movimentos para trás. Esses movimentos são freqüentemente executados enquanto o atleta em cadeira de rodas manuseia a bola ou está em posição de defesa e não são somente diferentes no aspecto e

execução quando comparados a jogadores que usam as pernas, mas tecnicamente mais elaborados, tendo significativo impacto nas ações ofensivas e defensivas, que já são previstas e controladas pelo regulamento do basquetebol sobre rodas (STROHKENDL, 1996).

BRASILE e HEDRICK (1996) afirmam que a aquisição e o desenvolvimento de habilidades em esportes específicos constituem a maior ênfase em todos os programas para pessoas portadoras de deficiência. O desenvolvimento individual de habilidades, principalmente no basquetebol em cadeiras de rodas, mostra a importância dessa performance no jogo. A perfeição dos fundamentos individuais e habilidades da equipe são talvez as mais significativas contribuições para o sucesso do basquetebol em cadeira de rodas.

As aquisições de habilidades e fundamentos no basquetebol convencional se iniciam pelas posições básicas ofensivas: o deslocamento rápido, posição de equilíbrio, fintas, mudanças de direção (DAIUTO, 1989); (ADELINO, 1991). No basquetebol sobre rodas, é necessário iniciar pelas condições básicas da habilidade na cadeira, para que, posteriormente, as tarefas motoras sejam realizadas com eficácia e desenvoltura.

Adaptações

Inicialmente, o basquetebol sobre rodas não possuía regras, nem mesmo regulamentos de adaptações fixas para atletas deficientes físicos. Com o desenvolvimento dessa modalidade, as entidades que dirigem o desporto para deficientes físicos regulamentaram o basquetebol sobre rodas, sempre na tentativa de não distanciá-lo do basquetebol convencional. Com a melhoria nas habilidades dos atletas, bem como nos equipamentos, essas adaptações, cada vez mais, estão sendo reestudadas e, muitas vezes, revogadas em função dos regulamentos do basquetebol convencional (STROHKDENDL, 1996).

As regras para o basquetebol sobre rodas no Brasil, adotadas pela ABRADecAR, são aquelas utilizadas pela Federação Internacional de Stoke Mondeville (ISWGF), que se baseiam nas regras traçadas pela FIBA.

Estão aqui compiladas algumas regras e seus artigos que sofreram modificações ou acréscimo em comparação com as regras da FIBA, relativas ao basquetebol sobre rodas (REGRAS OFICIAIS DE BASQUETEBOL SOBRE RODAS, 1990-1994). As regras na sua íntegra estão em anexo.

REGRA II - EQUIPAMENTOS

Art. 11 Cadeiras de rodas (acrescentar ao livro de regras da Federação Internacional Basquetebol)

Particular atenção deve ser dada à cadeira de rodas como parte do jogador. Contravenção às seguintes regras resultará na retirada da cadeira do jogo.

A) Somente uma almofada é permitida no assento da cadeira. Deve ser das mesmas dimensões do assento da cadeira; não mais de 10cm de espessura; exceto para os jogadores pontos 3.5 , 4.0 e 4.5, quando não podem exceder 5cm. Toda ela deve ser da mesma consistência e densidade: suficientemente flexível para permitir que os cantos diagonais se toquem quando dobrada pelo árbitro e de espessura uniforme. Tábua ou material rígido não são permitidos no assento, além da almofada;

B) O suporte dos pés não pode ser mais alto que 11cm, medindo do chão até o ponto mais alto e mais adiante;

C) Barras rolantes afixadas na parte inferior dos suportes dos pés com o propósito de proteger o solo e pequenas rodas colocadas nas barras posteriores da cadeira com o propósito de segurança são permitidas;

- D) A altura máxima do assento da cadeira ao solo deve ser de 53cm;*
- E) A cadeira deve ter três ou quatro rodas, sendo duas rodas na parte posterior da cadeira e uma ou duas rodas pequenas à frente. As rodas grandes, incluindo o pneu, podem ter no máximo 66 cm de diâmetro (26");*
- F) Pode ter um aro de propulsão em cada roda;*
- G) A parte inferior do suporte dos pés deve ser feita para prevenir danos no piso da quadra;*
- H) Nenhum acessório para dirigir ou frear são permitidos na cadeira;*
- I) Pneus pretos não são permitidos;*
- J) Descanso de braço e outros acessórios para a parte superior do corpo, colocados na cadeira, não devem projetar além da linha das pernas ou tronco do jogador na posição natural.*

Art. 12 - EQUIPAMENTO TÉCNICO

- K) O mesário deve ser provido com um indicador de direção.*

Este deve ser uma seta branca construída de tal maneira que quando posicionado no placar, seja visível pelos árbitros e jogadores, no momento seguinte ao “bola ao alto” onde fica determinado que time ganhou a posse de bola.

Art. 26 BOLA AO ALTO (processo alternativo, adicionar)

Nas situações de bola ao alto, outra que não seja a saída em cada tempo do jogo ou em cada período extra, se necessário, os times vão alternar a posse de bola, “dando saída fora da quadra”.

O time que não ganhou a posse de bola, após a bola ao alto inicial, em cada período de jogo, iniciará o processo alternativo.

A bola deve ser colocada em jogo pelo time que tem a posse na linha lateral oposta à mesa, no ponto mais perto onde a bola se tornou morta.

REGRA 7 - REGULAMENTO DOS JOGADORES

Art. 46 - Controle de bola (substituto para o primeiro parágrafo)

É uma violação para um jogador com a posse de bola ou

tentando ganhá-la quando:

A) Toca o chão com qualquer parte do seu corpo, exceto as mãos, ou

B) Inclina a cadeira para frente ou para trás, causando tal inclinação que qualquer parte da cadeira toque o solo.

Art. 51 - Progredindo com a bola (substituto para o artigo inteiro)

Um jogador pode progredir com a bola em qualquer direção dentro dos seguintes limites:

A) O número de impulsos, enquanto segura a bola, não deve exceder a dois.

B) Qualquer movimento de pivot deve ser considerado parte do drible e limitado a dois impulsos consecutivos sem driblar a bola, excedendo estes limites é violação.

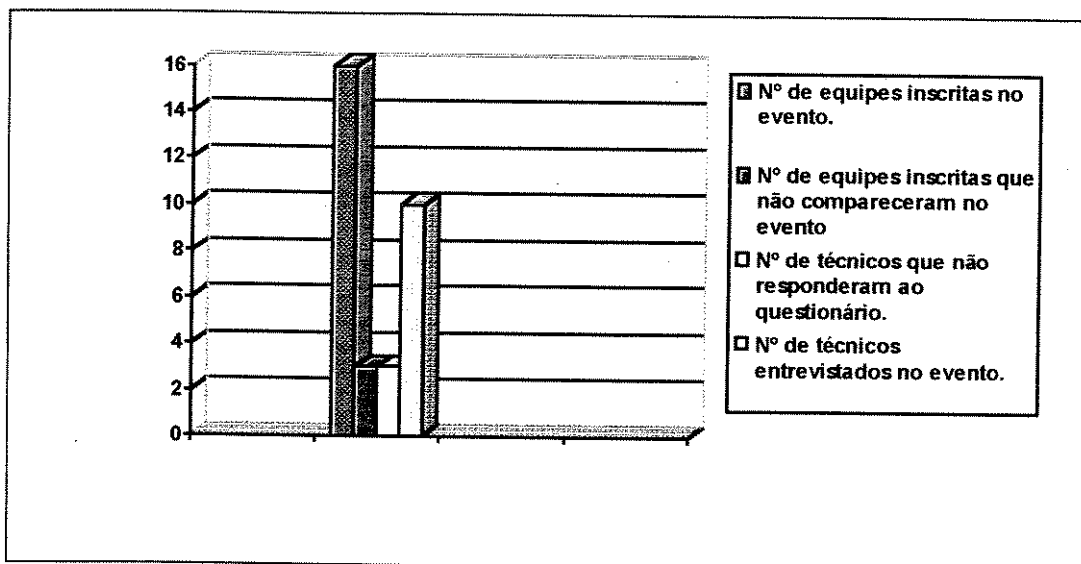
CAPÍTULO IV

Neste capítulo, o leitor poderá observar, através de quadros e gráficos, a análise dos resultados advindos da coleta de dados do estudo, bem como conhecer algumas orientações metodológicas que poderão ser utilizadas para a iniciação ao basquetebol sobre rodas.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

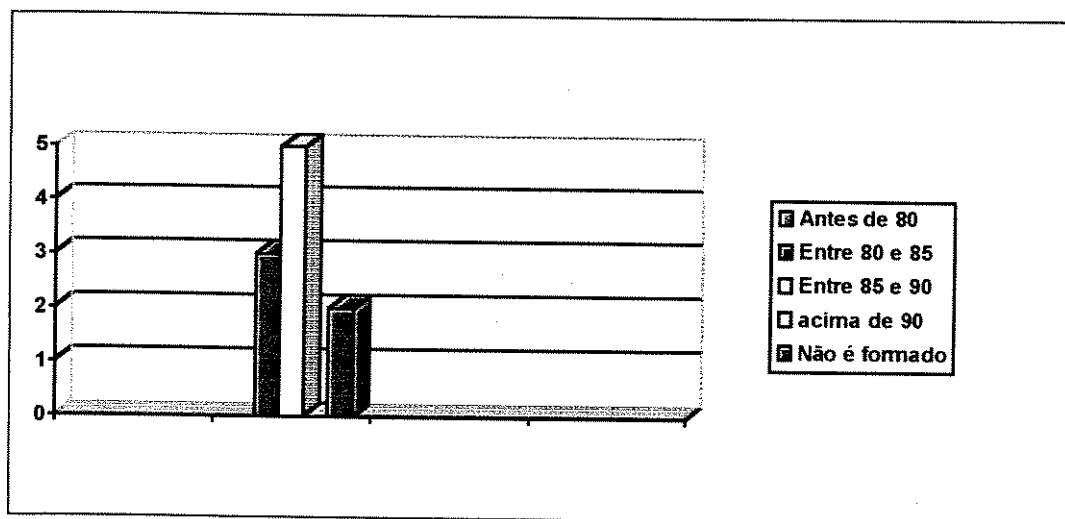
Na análise dos resultados da pesquisa realizada, foi possível observar:

Gráfico1: Resultados da aplicação dos questionários dos técnicos que participaram do VI Interclubes de Basquetebol sobre rodas.



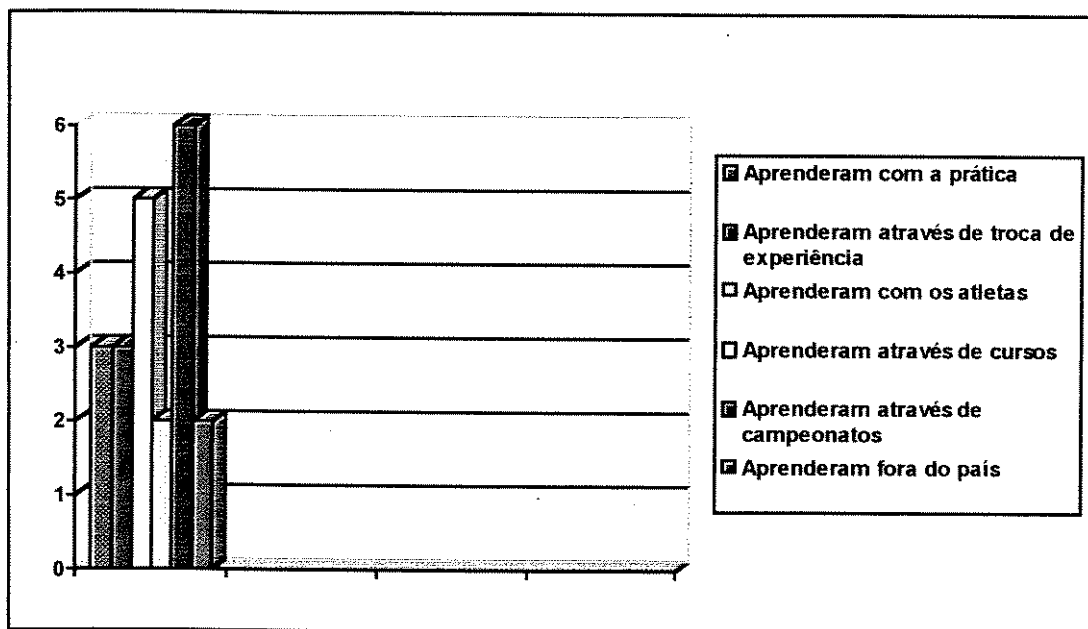
Embora, primeiramente participariam 16 equipes do evento, conforme informações dos organizadores do VI Interclubes de basquetebol sobre rodas, em Goiânia, dezembro de 1996, 3 técnicos não responderam ao questionário por falta de tempo disponível, e 3 técnicos não mostraram interesse em responder às perguntas, conforme é demonstrado no gráfico 1. Apenas 10 técnicos responderam o questionário.

Gráfico 2 : Ano de formação acadêmica dos profissionais entrevistados.



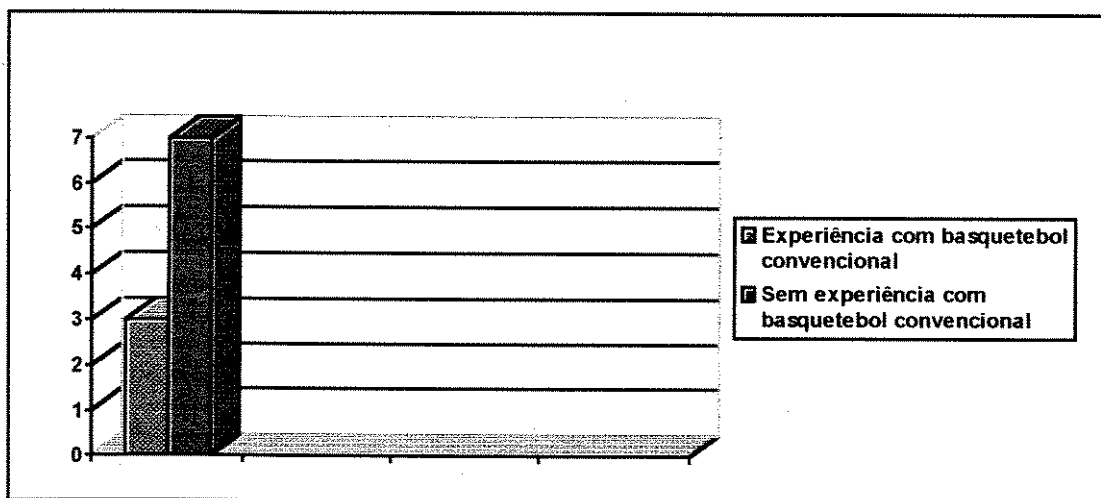
Observa-se que 5 dos profissionais de Educação Física entrevistados, que trabalham com o basquetebol sobre rodas, formaram-se entre o ano de 1985 e 1990, período em que a grande maioria das Universidades ainda não possuía em sua grade curricular, disciplinas que tratassem sobre a pessoa portadora de deficiência. Verifica-se, ainda, no gráfico 2, que 2 desses profissionais não são formados em Educação Física.

Gráfico 3: Como os entrevistados tiveram acesso às informações sobre o basquetebol sobre rodas (10 entrevistados e 21 referências)



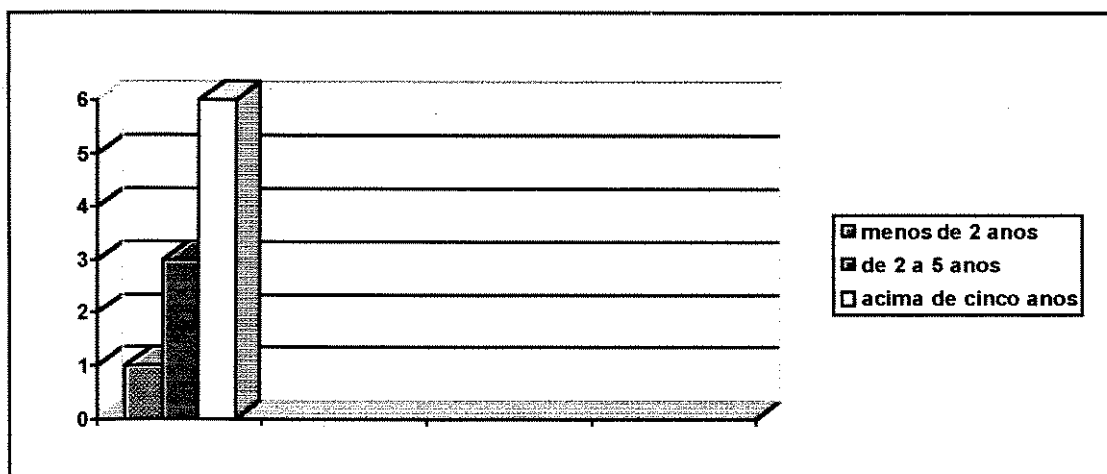
Apenas 2 dos profissionais entrevistados obtiveram algum tipo de curso sobre o basquetebol sobre rodas, antes de se iniciar nessa área. Esse fato demonstra que, em 8 dos profissionais, o conhecimento foi adquirido através da prática.

Gráfico 4: Experiência com basquetebol convencional



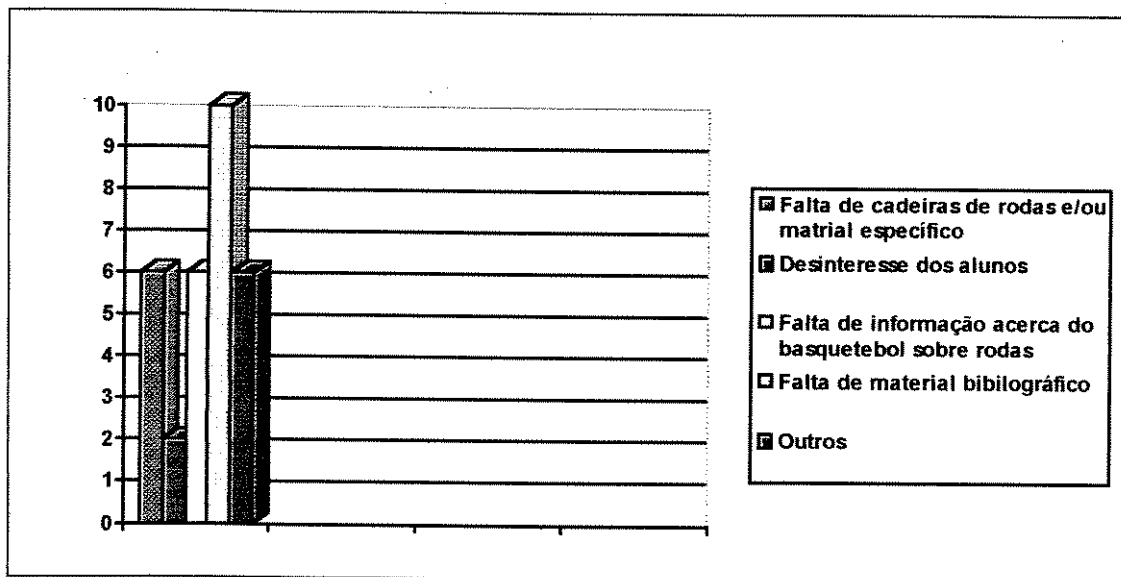
A atuação dos técnicos em basquetebol em cadeira de rodas com o basquetebol convencional é demonstrada no gráfico 4. Dos profissionais envolvidos na pesquisa, 7 se iniciaram no basquetebol sobre rodas, sem possuir experiência no basquetebol convencional.

Gráfico 5: Análise do tempo de trabalho dos técnicos com basquetebol sobre rodas.



O gráfico nº 5 dá uma visão global das respostas dos entrevistados no que se refere ao tempo de trabalho com o basquetebol sobre rodas. Observa-se que apenas 1 dos entrevistados têm menos de 2 anos de experiência nessa área e que 6 deles estão nessa área há mais de 5 anos.

Gráfico 6: Análise das maiores dificuldades encontradas no início do trabalho com basquetebol sobre rodas.(10 entrevistados e 30 referências)



A falta de material bibliográfico, para dar subsídios para os profissionais da área em questão, todos os entrevistados, o maior problema para obtenção de informações corretas.

Ainda nessa mesma análise, 6 dos entrevistados marcaram "outros", que corresponde à especificação dos aspectos políticos do esporte para portadores de deficiência física, a falta de apoio e patrocínio ao basquetebol sobre rodas e a falta de estrutura dos clubes e organização do desporto.

Gráfico 7: Análise do estágio da equipe quando os entrevistados iniciaram no basquetebol sobre rodas.

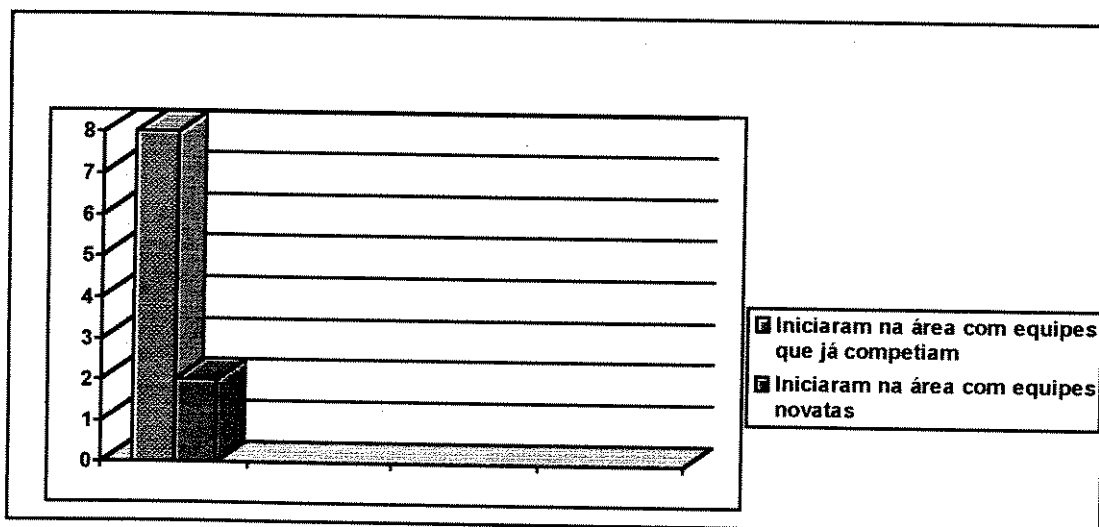
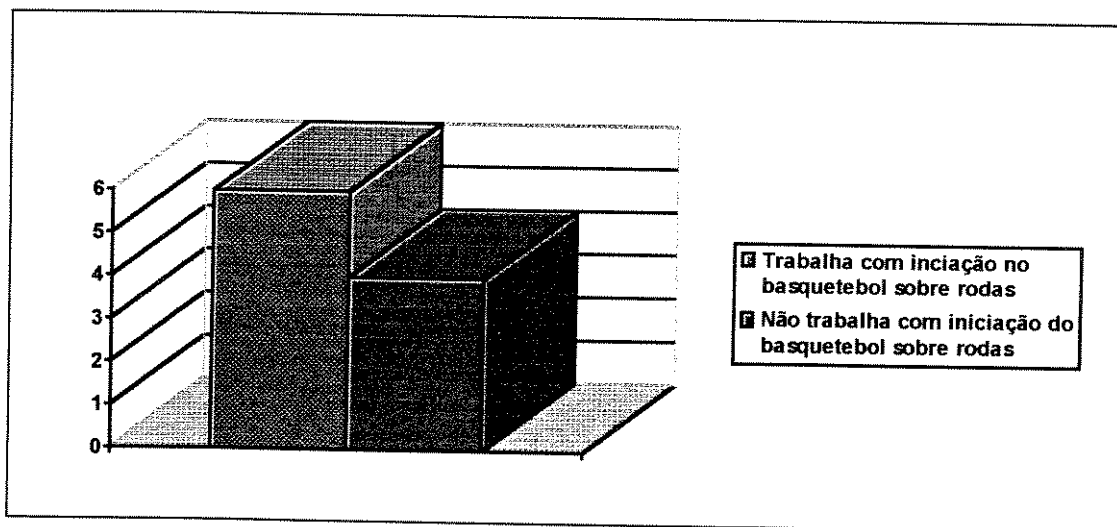


Gráfico 8: Mostra a percentagem de profissionais que trabalham com iniciação no basquetebol sobre rodas.



Pode-se observar que a forma como os profissionais se iniciaram no basquetebol sobre rodas foi atuando em equipes que já competiam.

Isso é demonstrado pelo alto índice (8) de respostas obtidas, comprovando que a formação prática da maioria dos profissionais que atuam com o basquetebol sobre rodas se dá exclusivamente dessa forma.

Na análise de conteúdo da questão nº 11, do questionário aplicado¹⁰, na qual os entrevistados deveriam listar a ordem metodológica utilizada no basquetebol sobre rodas, observa-se a falta de informações básicas dos técnicos que trabalham com a iniciação dessa modalidade.

Os quadros a seguir demonstram a análise dos resultados obtidos através do levantamento percentual de respostas, na metodologia que os técnicos utilizam em sua prática.

Quadro 1 - Análise percentual do primeiro item a ser ensinado

Trabalho de resistência muscular	40%
Classificação Funcional	40%
Conhecimento da cadeira	20%

Quadro 2- Análise percentual do segundo item a ser ensinado

Manejo de cadeira	10%
Fundamentos do basquetebol sobre rodas	80%
Classificação Funcional	10%

¹⁰ O modelo do questionário aplicado aos técnicos de basquetebol sobre rodas, encontra-se no anexo.

No quadro 2, 80% dos profissionais listaram os fundamentos dos basquetebol como fator importante para aquisição de habilidades necessárias para o basquetebol sobre rodas.

Quadro 3 - Análise percentual do terceiro item a ser ensinado:

Fundamentos do Basquetebol sobre rodas	20%
Manejo de cadeira	50%
Parte tática	30%

Nessa análise, pode-se observar que 50% dos profissionais acham que o próximo passo a ser ensinado deve ser o manejo de cadeira.

Quadro 4 - Análise do quarto item a ser ensinado:

Posicionamento em quadra	10%
Introdução ao basquetebol sobre rodas através de jogos recreativos	40%
Parte tática	30%
Não responderam	20%

A introdução de jogos recreativos vem em quarto lugar, para 40% dos entrevistados.

Quadro 5 - Seqüência metodológica desenvolvida através das análises dos dados adquiridos nas entrevistas referentes ao basquetebol sobre rodas:

1º -Classificação funcional e trabalho de resistência muscular
2º - Fundamentos do basquetebol sobre rodas
3º - Manejo de cadeira de rodas
4º - Conhecimento da cadeira de rodas
5º - Parte tática

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA E METODOLÓGICA PARA O ENSINO DO BASQUETEBOL SOBRE RODAS

Observam-se alguns procedimentos pedagógicos e metodológicos através dos resultados obtidos nos questionários e entrevistas com os profissionais da área do basquetebol sobre rodas, de experiências pessoais obtidas na orientação dessa modalidade de esporte e também através de autores como STROHKENDL (1996); WINNICK (1995); DAIUTO (1989); PAULA (1994), consultados, entre outros.

Orientação pedagógica para o ensino do basquetebol sobre rodas

Faz-se necessário abordar alguns aspectos pedagógicos no trabalho de iniciação ao basquetebol sobre rodas.

Uma grande parte dos alunos que irão iniciar nessa modalidade, seja recém acidentado ou com deficiência congênita, trazem um aspecto emocional ainda frágil, inseguro no que diz respeito a iniciarem alguma atividade. A motivação, então, torna-se um elemento muito importante, que o professor de Educação Física deverá conhecer para aplicar.

A questão relativa a motivação dada pelo esporte à pessoa portadora de deficiência, foi estudada e apresentada como um princípio

filosófico, por Tim Nugent em 1948 em Illinois (STROHKENDL, 1996). Esse princípio filosófico tem como objetivo incentivar a auto determinação da pessoa deficiente. De acordo com entrevista de Strohkendl¹¹, para Nugent, a deficiência não deve ser encarada necessariamente como um desastre, mas como um desafio de vida. O portador de deficiência não tem a sua personalidade também deficiente, porém, sabe-se que a personalidade dessa pessoa poderá sofrer com a consequência social da deficiência, podendo até chegar a ser uma personalidade problemática. Mas, se a pessoa deficiente consegue ter sucessos e superar pequenos desafios, ao longo de sua vida, sua personalidade também vai crescer e tornar-se mais forte.

Partindo dessa filosofia, o professor de Educação Física deverá ter em mente o objetivo na iniciação: propiciar atividades esportivas, oportunizando experiências de sucesso. Para isso, o ensino do basquetebol sobre rodas, deverá ser dividido em degraus de aprendizagem, de acordo com o desempenho do aluno, e ter um repertório de atividades simples. As tarefas realizadas deverão propiciar sucesso, mesmo que este seja insignificante para a metodologia convencional, proporcionando um aumento na auto-estima, segurança

¹¹ Entrevista concedida em 14 de agosto de 1997, na cidade de Uberlândia.

entre outros da pessoa deficiente. Nesse aspecto, as atividades lúdicas e pequenos jogos têm uma grande importância.

Orientação metodológica para o ensino do basquetebol sobre rodas.

Para a iniciação do basquetebol sobre rodas, estabelecem-se cinco etapas de aprendizagem.

- a) Conhecimento da clientela, tipos de deficiência e seqüelas;
- b) Conhecimento do basquetebol convencional e basquetebol sobre rodas;
- c) Conhecimento da cadeira de rodas;
- d) Conhecimento da classificação funcional;
- e) Fundamentos do basquetebol e adaptação ao basquetebol sobre rodas.

Pretende-se relatar a estrutura básica para cada etapa de aprendizagem, dando subsídios mais consistentes para aqueles profissionais que se iniciam nessa modalidade.

A) Conhecimento da clientela

Para o trabalho com o basquetebol sobre rodas, faz-se necessário que o professor de Educação Física tenha conhecimento sobre os tipos e seqüelas das deficiências físicas mais comuns, para que possa saber com que clientela está lidando e assim melhor entender algumas limitações. Entre as deficiências físicas, de acordo com EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO PARA PORTADORES DE DEFICIÊNCIA (1994:76-77) estão:

Poliomielite: Causada por vírus que destrói células motoras e geralmente se aloja no corno anterior da medula. Deixa como seqüelas a paralisia nas áreas motoras correspondentes, preservando a sensibilidade.

Amputação: Definida como ausência congênita ou retirada de um ou mais membros.

Lesão Medular: Causada por traumas, fraturas das vértebras da coluna, tumores ou má formação artério venosa que destrói as células de uma região da medula espinhal. Uma vez lesadas, as células nervosas não se regeneram, levando as áreas motoras e sensoriais correspondente à perda parcial (paresia) ou total (plegia) de

suas funções. Quando afeta a região cervical, a lesão caracteriza uma tetraplegia(acometimento dos quatros membros). Quando afeta a região torácica, lombar ou sacral caracteriza uma paraplegia ou paraparesia (Lesão dos membros inferiores e/ou tronco).

B) Conhecimento do basquetebol convencional e do basquetebol sobre rodas

Vários alunos, que procuram a modalidade de basquetebol sobre rodas para prática esportiva, não têm a idéia exata desse esporte e suas implicações. Faz-se necessário propiciar informações básicas aos alunos sobre o basquetebol convencional para que se possa conhecer o basquetebol sobre rodas e se proceder às devidas adaptações.

Os recursos utilizados, para transmissão das informações sobre o basquetebol convencional e o basquetebol sobre rodas, podem ser: palestra, apresentação de vídeo, explanações sobre regras, classificação funcional, entre outros.

C) Conhecimento da Cadeira de rodas

Faz-se necessário que o professor de educação física conheça o material que mais é utilizado no basquetebol sobre rodas: a cadeira de rodas.

As informações sobre a cadeira de rodas irão auxiliar o professor de Educação Física conhecer as possibilidades de movimentação com a cadeira de rodas, melhorando a assimilação das habilidades de seus alunos, dando apoio tecnológico no que diz respeito à melhor adaptação e utilização da cadeira de rodas pelo aluno.

D) Classificação funcional

Segundo STROHKENDL (1996), nas atividades competitivas, a classificação funcional deve ser utilizada quando o atleta já tenha adquirido as habilidades requeridas no basquetebol sobre rodas, possibilitando uma maior veracidade nos resultados adquiridos na classificação dos atletas.

No estudo em questão, a classificação funcional é utilizada, não com fim competitivo, mas para dar suporte aos profissionais no entendimento a respeito dos resíduos musculares e volume de ação que podem ser desenvolvidos e trabalhados, no basquetebol sobre rodas, bem como auxiliar no conhecimento da seqüelas da deficiência.

Aplicação dos testes

Para melhor visualização e aplicação da classificação funcional, optou-se pela subdivisão em quatro itens:

- Anamnese da lesão

- Testes funcionais
- Teste de função muscular
- Testes de habilidades.

Anamnese: coleta de dados diretamente com o aluno, sobre o tipo da lesão que, posteriormente, dará condição para estudar as possibilidades individuais.

Testes Funcionais: São três testes excludentes, desenvolvidos por Strohkendl em 1984, que avaliam o equilíbrio de tronco. Esses testes são utilizados pelas IWBF, ABRADecAR, ISWG entre outras entidades, com o objetivo de uma primeira avaliação do volume de ação do aluno.

Teste de Função Muscular: É utilizado para avaliar a força de grupos musculares quando há alguma dúvida sobre a função de alguns músculos lesionados parcialmente, tais como:

- A utilização de músculos abdutores, na ação de pegar alguma bola nas laterais;
- Grau de força utilizado pelos músculos glúteos médios, que auxiliam na estabilização do tronco.

Teste de Habilidades: Este teste é utilizado para ratificação das possibilidades de movimentos do indivíduo, possibilitando a análise

individual do aluno. Podemos utilizá-lo, também, durante todo o processo de assimilação das habilidades dos alunos de basquetebol sobre rodas.

Observação do professor no desenvolvimento das atividades oferecidas.

A observação do aluno pelo professor durante as atividades, poderá auxiliá-lo nas dúvidas sobre seu volume de ação e nas possibilidades de movimentos.

Alguns acessórios regulamentado pela ISWGF(1995), utilizados no jogo de basquetebol sobre rodas, poderão auxiliar o professor, facilitando e possibilitando maior segurança para o aluno, a aprendizagem do basquetebol sobre rodas.

- a) Almofada - Visa a dar maior comodidade ao atleta, porém deverá ser do tamanho do assento, não mais que 10cm para jogadores de classe 1 a 3, e até 5cm para jogadores acima da classe 3. As almofadas não deverão permitir dobras.
- b) Faixa abdominal - O uso da faixa abdominal, aumenta a estabilidade do jogador de classe 1, possibilita a amarração do tronco no encosto da cadeira, dando aos jogadores dessa classe, uma parte do potencial de classe 2. Esse acessório

possibilita maior estabilidade durante o jogo de bola e mais força durante a frenagem, movimento de pivot e de arranque com a cadeira.

- c) Fixação da bacia no assento da cadeira de rodas - A amarração e a fixação da bacia, no assento ou na base do encosto da cadeira, oferece ao jogador de classe 2 e 3 uma parte do potencial de classe 4, permitindo uma inclinação lateral limitada e uma melhor estabilidade durante a rotação do tronco.

A imobilidade em adução dos membros inferiores com ajuda de faixas, almofadas e apoios, situados ao nível das costas, joelho e pernas, oferece aos jogadores de classe 2 uma ajuda muito importante que pode levá-lo a um potencial de jogador de classe 3.

- d) Presilha de pé - A estabilização dos joelhos e pés dos jogadores de classe 3 é feita pela fixação na cadeira, através de faixas ou velcro sob os sapatos, permitindo aos jogadores obter uma parte do potencial de classe 4.

- e) Faixas de coxas e pernas - Podem-se fixar as coxas e pernas através de faixas, para dar maior estabilidade ao tronco. O uso de aparelhos tutor unilateral ou bilateral aumenta a estabilidade dos jogadores de todas as classes e , em particular dos atletas

com seqüelas de poliomielite, porém limita sua mobilidade.

O uso de acessórios está diretamente ligado ao aumento da performance do aluno e a evolução do potencial se faz através dessas ajudas. A mudança de classes não é automática, deve-se considerar e observar se o jogador teve seu potencial aumentado dentro das características do seu grupo, para que se proceda à mudança de classe.

A utilização desses acessórios vem sendo empregada de forma ainda insipiente. Percebe-se que os atletas quando fazem uso desses recursos melhoram, e muito, seu desempenho; conseguindo muitas vezes uma progressão em sua classificação funcional.

Faz-se necessário uma maior exploração desses auxílios utilizados na prática do basquetebol sobre rodas, para que se atinja o domínio técnico e, conseqüentemente, melhores níveis de desempenho do atleta.

Recentemente tem se discutido muito a real validade da classificação funcional (BRASILE, 1986); (VANLANDEWIJCK, SPAEPEN, and LYSSENS, 1995); (BRASILE, and HEDRICK, 1996), entre outros. Esses autores mostram a necessidade de uma reavaliação dos números excessivos de oito classes e, principalmente, por essa classificação se basear na performance dos atletas. Pesquisas estão sendo desenvolvidas na tentativa de mudanças, porém a classificação vigente, ainda, é a funcional.

E) Fundamentos do basquetebol e adaptações ao basquetbol sobre rodas.

Segundo FERREIRA e JR. (1987:9) “Os fundamentos representam os movimentos e gestos básicos do basquetebol. A sua correta execução é condição ímpar para que o aluno jogador possa praticar o esporte da forma mais natural e desenvolva.”

O ensino desse fundamento deverá, pois, seguir os mesmos processos pedagógicos do basquetebol convencional como: a forma certa de pegar a bola, movimentos das mãos empurrando a bola no drible, entre outros. Estes fundamentos se dividem em : Domínio do corpo e da cadeira de rodas e manipulação da bola

Domínio do corpo e da cadeira de rodas.

Considerações técnicas:

Este é um fundamento importante porque o aluno portador de deficiência física deverá ter que executar determinados movimentos como: propulsão da cadeira para frente, propulsão da cadeira para trás, giros, entre outros, necessitando de um bom desempenho no manejo da cadeira de rodas para desenvolver as habilidades exigidas pela modalidade. Dessa forma, faz-se necessário o aprendizado de algumas técnicas:

a) - Técnica de proteção para queda

b) - Propulsão da cadeira de rodas:

- Propulsão da cadeira para frente

- Propulsão da cadeira para trás

c) - Frenagem da cadeira de rodas

d) - Mudança de direção

e) - Largadas e partidas

f) - Empinar a cadeira

a) Técnica de proteção para queda

Esta técnica se constitui na aprendizagem da proteção da queda da cadeira de rodas.

O atleta deverá se desequilibrar para trás com um dos braços estendidos por trás do encosto da cadeira e o mais próximo possível desta, enquanto o outro braço sustenta a cadeira de rodas, evitando que ela se deslize para frente, segurando o aro de propulsão ou o aro e o pneu ao mesmo tempo. Em seguida, se as condições de jogo exigirem que o usuário retome a posição sentada, ele poderá fazê-lo, bastando para isso que, através de

uma ação conjunta do empurrão do braço contra o solo e o puxão do aro propulsor para trás, jogue seu corpo para cima e para frente.

Recomenda-se que o início da aprendizagem dessa técnica se dê com o atleta parado, com auxílio de um colchão de espuma espesso, colocado atrás da cadeira de rodas, para que o atleta realize, com confiança e segurança, a seqüência do ato de desequilibrar a cadeira, posicionar o braço atrás do encosto e a mão oposta no aro de propulsão.

À medida que o atleta adquire segurança e confiança na execução dos movimentos com a cadeira de rodas, vai-se diminuindo, gradativamente, a espessura do colchão até dispensar o seu uso como proteção.

Na aprendizagem dessa técnica, pode-se destacar alguns erros freqüentes na execução do movimento, que devem ser evitados:

- colocação do braço de proteção afastado do encosto da cadeira, dificultando com isso o seu equilíbrio;
- flexão do braço de proteção no momento da queda, retirando dessa forma a sua força para a sustentação do corpo;

- não segurar com o outro braço o aro propulsor da cadeira ou o aro e o pneu ao mesmo tempo, evitando que a mesma se deslize para frente.

b) Propulsão da cadeira de rodas.

⇒ Propulsão da cadeira de rodas para frente

Para a propulsão da cadeira de rodas para frente, podem-se utilizar duas formas de empunhadura para o toque:

- Utilização somente da empunhadura no aro de propulsão;
- O toque utilizando o aro e parte do pneu ao mesmo tempo.

Esse toque é mais usual principalmente no momento das frenagens e mudanças rápidas de direção.

- toque para a propulsão propriamente dita, deve se iniciar na altura da linha do quadril, ou seja, na parte superior do aro da cadeira de rodas. O atleta inicia o toque com as mãos simultâneas e, paralelamente, promovendo uma propulsão para a frente e para a baixo, em movimentos contínuos, até a extensão total dos braços. O término desse movimento se dá com a palma das mãos do atleta voltadas para baixo, havendo descontração total dos braços. O aluno deverá manter seu corpo cerca de 30

graus à frente, mantendo o tronco parado durante a propulsão. Nos alunos que não possuam o controle de tronco, deverão inclinar para frente da forma que conseguirem (STROHKNDL, 1989).

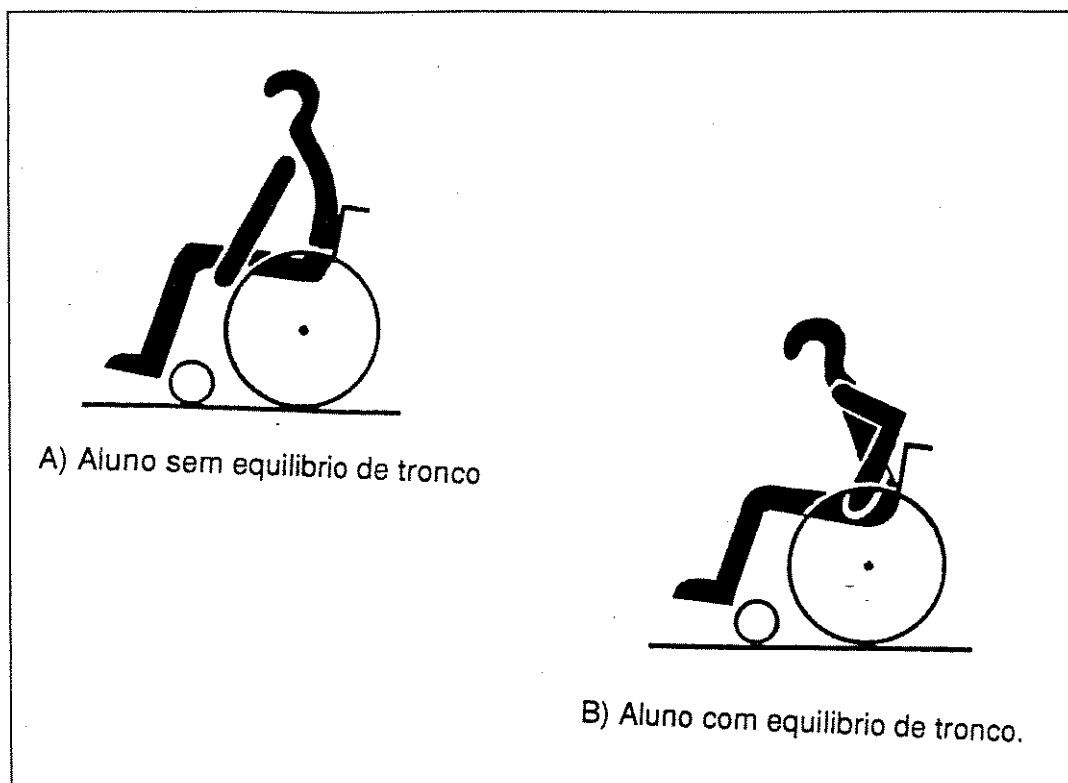


Figura 5 - Posição do tronco para a propulsão da cadeira de rodas.

A velocidade da cadeira de rodas estará diretamente relacionada com a força aplicada e com a velocidade do movimento da propulsão, dependendo do ritmo que se deseja imprimir à cadeira. O atleta deve tocar a cadeira de rodas, em linha reta, observando a execução do movimento.

Nesse movimento, podem-se destacar, também, alguns erros bastante freqüentes em iniciantes:

- Não aproveitar o deslize da cadeira após a propulsão, provocando, dessa maneira, uma pequena frenagem todas as vezes que nela tocar;
- não executar o toque com as mãos paralelas e simultâneas, imprimindo, na maioria das vezes, maior força de um lado do que do outro, provocando dessa maneira uma mudança de direção da cadeira;
- não iniciar e não terminar o toque na cadeira, na altura recomendada, provocando assim um número exagerado de toques e, conseqüentemente, maior gasto de energia.
- Movimentar o tronco durante o toque.

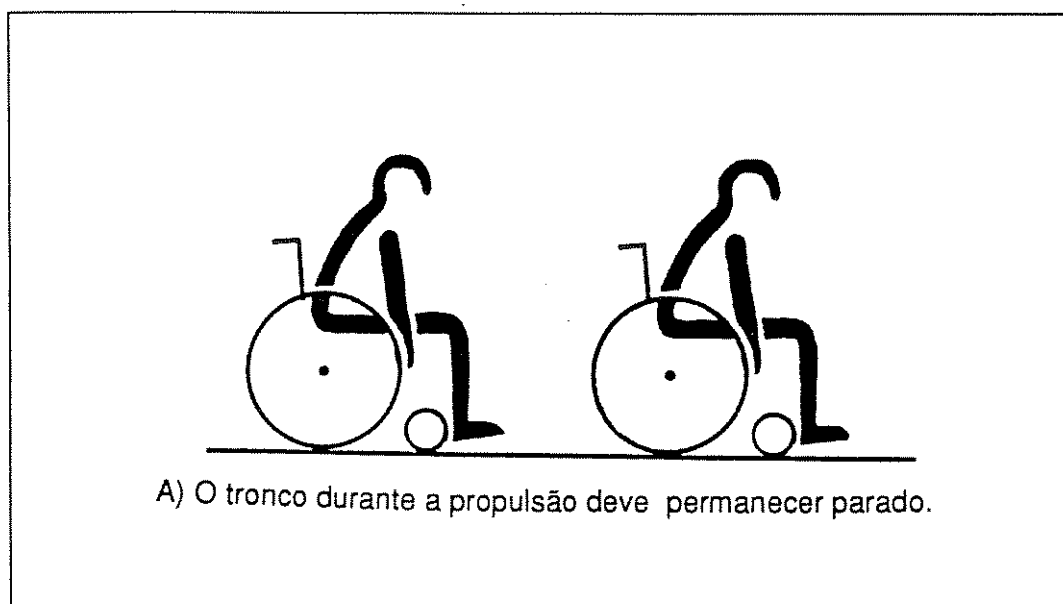


Figura 6 - Propulsão da cadeira de rodas.

⇒ Propulsão da cadeira para trás

A técnica de propulsão da cadeira de rodas para trás deve seguir os mesmos princípios utilizados na propulsão para frente, naturalmente, no sentido contrário.

O toque deve se iniciar à frente da linha do quadril do atleta, com extensão total dos braços, percorrendo o aro de propulsão até a altura da linha do quadril. Durante esse movimento, o tronco do atleta deve estar ligeiramente inclinado para frente e parado, facilitando, assim, o movimento completo (BRÖXKES E HERZONG, 1993).

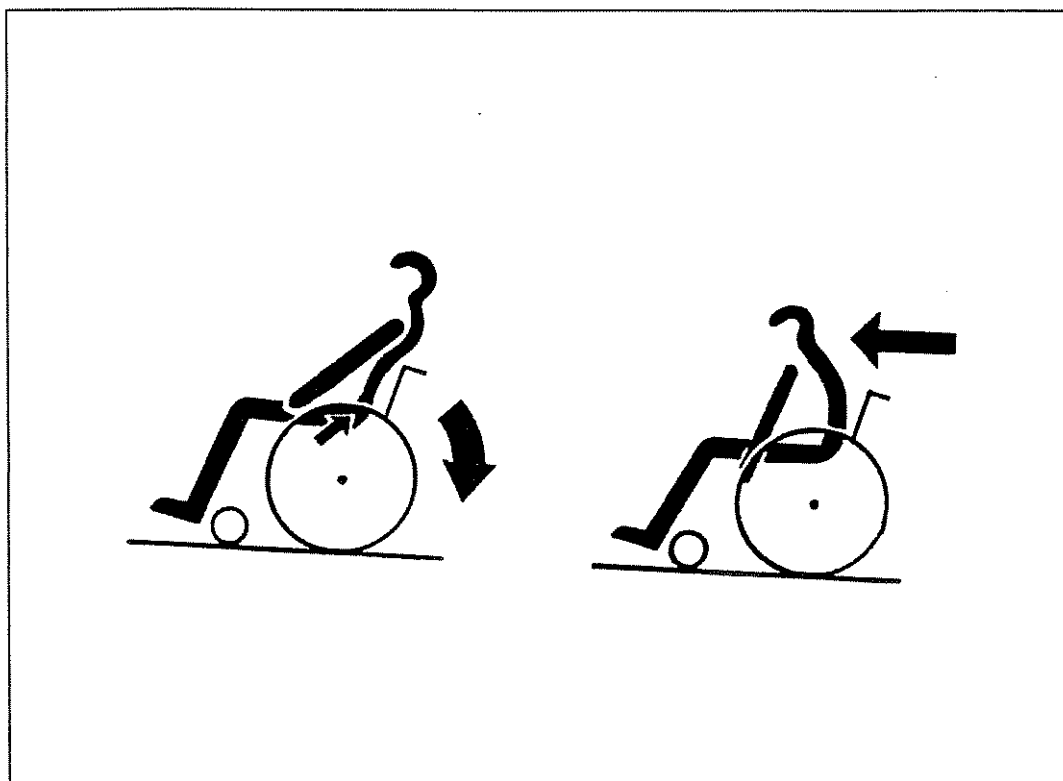


Figura 7 - Posição do tronco na propulsão da cadeira de rodas.

Nesse movimento, o atleta deve tomar cuidado no momento de parar ou frear a cadeira, pois, se o fizer com as mãos no alto do aro de propulsão, provocará o empinamento da cadeira e, fatalmente, ocorrerá uma queda para trás. É necessário também observar a simetria do movimento para que a cadeira não se desloque em ziguezague.

Dessa forma, a frenagem da cadeira deverá também seguir os mesmos princípios da técnica do movimento para frente, porém, com as mãos colocadas à frente do aro de propulsão.

c) Frenagem da cadeira de rodas

As paradas ou frenagens da cadeira de rodas é outra técnica que o atleta deve dominar uma vez que é esse o fundamento responsável para auxiliar nos giros e fintas.

Para provocar a parada da cadeira de rodas, o atleta deve inclinar, quando possível, o tronco para trás, pressionando com as mãos simultâneas, de forma firme e gradativa o aro de propulsão à frente da linha do quadril.

Outra forma de frenagem da cadeira de rodas é causada pela necessidade de uma parada brusca. Nessa situação o atleta deve proceder a parada da cadeira de maneira usual, porém, a diferença

está no ato de englobar, com as mãos, o aro de propulsão e o pneu ao mesmo tempo, para que a cadeira não deslize ou derrape, em piso muito liso.

d) Mudança de direção

Outro fundamento essencial na técnica do manejo da cadeira de rodas para o basquetebol, é a mudança de direção, pois, não é possível utilizar o deslocamento lateral. A mudança de direção, também é responsável pelas fintas utilizadas no decorrer do jogo.

As mudanças de direção consistem em giros de 90°, 180° e 360° para a direita, e/ou para esquerda.

O atleta deverá pressionar, de forma crescente, o aro de propulsão do lado para o qual deseja realizar o giro, inclinando ligeiramente o tronco para trás e para o lado do giro. Nos giros de 180° e 360°, além da pressão no aro, pode também ser necessária uma puxada rápida do aro para trás, obrigando a cadeira a girar mais rapidamente sobre o seu eixo.

e) Largadas ou partidas

No basquetebol sobre rodas, é primordial que o atleta arranque ou dê a partida o mais rápido possível, pois essa ação na

maioria das vezes pode determinar o sucesso de um bom posicionamento de defesa, ataque ou mesmo de um contra-ataque.

Para o domínio desse fundamento, o atleta deve postar o seu quadril o máximo possível para trás, inclinar a parte superior do tronco para frente e tocar vigorosamente o aro de propulsão para frente. O atleta deve tomar cuidado ao fazer esse movimento, pois, ao tocar a cadeira com força e rapidez para frente, ela poderá se inclinar para trás, provocando a queda do atleta.

Em decorrência desse movimento com a cadeira de rodas durante o jogo, enfatiza-se a importância da regulação da cadeira de rodas de acordo com o potencial e habilidade do usuário.

f) Empinar a cadeira

O ato de empinar a cadeira de rodas, em um jogo de basquetebol, não pode ser utilizado, porém, com certeza, é de grande utilidade o aprendizado dessa técnica para a aquisição de coordenação, de domínio da cadeira e, acima de tudo, para o equilíbrio do atleta na cadeira.

Para a aprendizagem dessa técnica, inicia-se com um auxiliar que deverá dar proteção no encosto da cadeira, evitando dessa forma a queda súbita do atleta. Posteriormente, o atleta deve

executar essa técnica, parado e depois em movimentos para a frente, para trás e com giro, utilizando inicialmente um colchão de espuma para a proteção até dispensá-lo, quando adquirir segurança e confiança.

O movimento de empinar a cadeira de rodas consiste em dominá-la e equilibrar-se nas duas rodas traseiras da cadeira de rodas, seguindo os seguintes passos:

- a) o quadril deve estar o mais atrás possível no assento da cadeira;
- b) o tronco ligeiramente inclinado para frente;
- c) as duas mãos devem se posicionar à frente do aro de propulsão, tocando ligeiramente para trás e com um toque curto e vigoroso para frente, empinar a cadeira para trás, estabilizando a cadeira e equilibrando-se.

Todos os fundamentos da técnica de manejo de cadeira de rodas aqui apresentados, deverão ser desenvolvidos como forma de pré-requisito para o treinamento do basquetebol sobre rodas.

Os mais variados tipos de exercícios e formas de treinamento poderão ser adaptados do basquetebol convencional, como também desenvolvidos através de atividades recreativas.

Manipulação da bola.

A manipulação da bola tem como objetivo permitir ao aluno o domínio da bola, através do conhecimento de seu peso, forma e tamanho, bem como formas de utilização no jogo. Faz-se necessário conhecer os fundamentos básicos do basquetebol convencional que serão os mesmos fundamentos utilizados no basquetebol sobre rodas, com as devidas adaptações:

A) Modo de segurar a bola;

B) passes;

C) drible;

D) arremessos;

E) rebote.

A) MODO DE SEGURAR A BOLA.

Considerações técnicas:

A bola deverá ser segura pela sua parte póstero-superior junto ao corpo, por ambas as mãos, com os dedos separados obliquamente, dirigidos para cima. Os polegares deverão estar quase unidos. Os

antebraços deverão formar um ângulo de 45 graus, com os cotovelos junto ao corpo, à altura da cintura (DAIUTO, 1989).

Erros mais comuns:

Tocar a bola com as palmas das mãos.

B) Passes

Considerações técnicas:

O passe é fundamental durante o jogo de basquetebol de modo geral. A boa forma de utilização do passe demonstra o entrosamento dos membros de uma equipe. É através de passes bem executados e precisos que a equipe pode até conseguir superar suas deficiências técnicas (PAULA, 1994).

Sabe-se que a metodologia convencional do basquetebol é utilizada no basquetebol sobre rodas, mas as adaptações devem ocorrer. Para isso, apresentam-se a seguir, de acordo com STROHKENDL (1996), os tipos de passes utilizados no basquetebol sobre rodas, observando o nível de lesão do atleta, bem como seus resíduos musculares para que se possa exigir o exercício técnico e qual o passe mais apropriado para cada tipo de lesão.

↳ PASSE ALTO

Considerações técnicas:

No basquetebol sobre rodas, o passe alto é considerado o mais importante e seguro, por não ser permitido no regulamento do basquetebol sobre rodas, que o atleta salte ou saia da cadeira. Na iniciação, o aluno sente-se ansioso e muitos ainda têm medo da bola e o passe alto tem uma principal importância, por ser realizado alto e mais lento.

Neste passe, faz-se necessário que o aluno mantenha a bola à frente do peito, para que ela tenha um período mais longo para a aceleração do lançamento, causando a altura desejada.

Os jogadores de classe 3 e 4 podem utilizar uma mão para fazer o lançamento e a outra para o controle da cadeira. Os jogadores de classe 1 e 2 ou com pouca força muscular devem fazer o passe com as duas mãos, sempre observando a posição de saída da bola.

↳ Passe picado

Considerações técnicas:

Um bom controle de bola é necessário para uma correta execução desse passe. Geralmente é mais utilizado por atletas com nível maior de habilidade, que já estão competindo e que tenham experiência por ser um passe de fácil interceptação.

A bola deve ser lançada ao companheiro a pelo menos 80cm de distância do pedal. Empregando maior altura e precisão na bola, ela chega às mãos do companheiro dificultando sua interceptação.

Erros mais comuns:

Jogar a bola a uma distância maior de 80cm, ocasionando o seu toque no pedal.

➤ **Passe na altura do peito.**

Considerações Técnicas:

É considerado um passe mais técnico, onde o aluno deve ter assimilado as habilidades técnicas considerado o mais importante passe em basquetebol sobre rodas por ser mais seguro, tanto para receber como para enviar a bola.

Esse passe apresenta uma característica básica que deve ser observada:

- Maior atenção quando enviar passe para atleta de classe 1 e 2, pois esses atletas apresentam instabilidade de tronco e as bolas laterais e acima da cabeça são de difícil recepção.

↳ Passe de gancho

Considerações técnicas:

Este passe deve ser executado por cima do ombro, com a mão oposta segurando no aro propulsor para que o atleta tenha maior segurança. É um passe que apresenta muitas variações e é utilizado por todos os jogadores de basquetebol sobre rodas, porém com restrições a alguns jogadores de classe 1.

C) Drible

Considerações técnicas:

O drible é uma oportunidade ofensiva e também defensiva, porém, no basquetebol sobre rodas em alguns países como Brasil, é utilizado indiscriminadamente como única forma de deslocamento na quadra (STROHKENDL, 1996). Para este autor o drible deveria ser utilizado quando o atleta olha e vê um fim para a sua situação, ou seja, passar ou arremessar a bola.

O drible utilizado na cadeira de rodas, deverá ser realizado, tecnicamente e no espaço lateral, entre a roda dianteira e o freio, com o objetivo de proteger a bola, bem como evitar que ela bata no pedal, causando sua perda. Com a mão oposta, sempre estar em contato com o aro, facilitando assim, saídas de marcação e giros rápidos, deslocamento com a bola entre outros.

No início da aprendizagem, para driblar na cadeira de rodas, é necessário que o atleta adquira a coordenação da cadeira com a bola.

Um dos exercícios que se utiliza para esse procedimento é dar dois impulsos enquanto a bola descansa sobre o colo, por conseguinte quicar a bola no solo. Esse procedimento deve ser utilizado apenas na iniciação, para que o atleta adquira a habilidade de coordenar a propulsão da cadeira de rodas com a bola. Quando o atleta já tiver adquirido essa habilidade, esse exercício não deve ser dado, pois poderá causar perda da bola para o adversários e provocar faltas desnecessárias.

Os exercícios de drible podem ter a seguinte seqüência:

1- O atleta deve iniciar a seqüência de exercícios com movimento parado, utilizando a mão direita e a esquerda; a mão que está livre deve estar em contato com o aro. A tendência do

atleta, no início, é de olhar para a bola e o técnico deve sempre estar atento, corrigindo essa postura. Vale ressaltar que essa tendência é também comum no basquetebol convencional.

2- O segundo passo é o deslocamento com a mão direita e mão esquerda; deve-se observar que a mão oposta deverá direcionar a cadeira de rodas. Pela complexidade da coordenação exigida com a bola e a cadeira, esse movimento se torna, em muitos momentos, difícil de executar. O técnico deverá, quando se fizer necessário, trabalhar com exercícios específicos de coordenação.

3- Depois, com o atleta parado, faz-se o exercício trocando de mão com quike à frente da cadeira. Posteriormente, esse exercício deve ser feito em deslocamento.

4- O exercício de recuperação da bola pelo aro se dá com a bola sendo rolada no solo e com o atleta se aproximando lateralmente da bola, puxando-a para o aro. O aro traz a bola para cima e o atleta deverá pegá-la. É importante que tanto a bola quanto a cadeira, estejam em movimento.

5- Posteriormente se faz o drible de bola com mãos alternadas através de obstáculos.

D) Arremessos

Considerações técnicas:

Segundo os fundamentos do basquetebol convencional, o arremesso é um movimento altamente técnico, equilibrado, coordenado e que apresenta as mais variadas alternativas de execução.

No basquetebol sobre rodas, para o usuário de cadeira de rodas, o arremesso se torna biomecanicamente diferente.

Para o atleta de basquetebol convencional, a força de impulso é transmitida desde os pés, enquanto que, para o atleta de basquetebol sobre rodas, essa força de arremesso se dá, em atletas com lesão medular, acima da lesão apresentada, através de sua capacidade funcional que vai auxiliá-lo no arremesso.

Faz-se necessário que o atleta tenha noções básicas de como pegar a bola, bem como do movimento biomecânico do arremesso, que envolve a posição de 90 graus de cotovelo, extensão do braço e quebra do punho.

As formas de arremessos pode ser: de peito ou com uma mão. A escolha do arremesso vai depender do nível de força e

lesão no braço. É utilizado por alguns atletas de classe 1, por ser de fácil execução.

O arremesso de peito deverá ser executado com a cadeira posicionada de frente para a cesta, enquanto o arremesso com uma das mãos deverá ser realizado com a cadeira de rodas voltada para a posição contrária do braço de arremesso.

O movimento certo de arremesso de uma mão ou de peito, deverá ser praticado inicialmente na parede, para que o aluno assimile melhor o movimento de cotovelo e quebra de punho. O arremesso diretamente na cesta poderá causar uma desconcentração do exercício na tentativa de acertá-la. A alavanca proporcionada pela altura da bola, quando iniciado o arremesso, é de extrema importância. Ela deverá estar o mais baixo possível para propiciar mais altura no arremesso.

E) REBOTE

Considerações técnicas:

O rebote é uma ação que pode ser ofensiva ou defensiva, que tem por objetivo recolocar a bola em jogo após uma finalização não convertida.

No basquetebol sobre rodas, o rebote, por ser um fundamento rápido, deve ser ensinado a todos, mas os alunos com maior controle de tronco terão mais facilidade em aproveitá-lo para recolocar a bola em jogo.

DISCUSSÃO

Desde os mais remotos tempos da civilização, o tratamento que se dá aos portadores de deficiência acompanha a evolução das diferentes culturas, passando por atitudes de aceitação, tolerância, apoio e assimilação até pelo menosprezo e destruição (SILVA, 1986).

Contudo, foi preciso que a sociedade sentisse a necessidade de reabilitar os indivíduos traumatizados vertebromedulares advindos da 1ª e 2ª Grandes Guerras Mundiais, para reconhecer o papel da atividade física no auxílio à reabilitação e para que o desporto para deficientes se tornasse uma realidade. Nesse aspecto social e cultural, o basquetebol sobre rodas se assenta, tornando realidade a inclusão de portadores de deficiência física em um esporte que era restrito a pessoas tidas como fisicamente “normais”.

O desporto para deficientes, especificamente o basquetebol sobre rodas, a partir do pós guerra começa a manter um estreito relacionamento com o desporto em geral e, conseqüentemente, deixa de ser um acontecimento isolado no contexto do desporto.

Pode-se detectar esse relacionamento, observando a influência do modo de pensar e sentir dos atletas, técnicos e espectadores dentro e fora do contexto do desporto.

Observa-se, no entanto, que na sociedade desportiva existe uma significativa falta de conhecimento dos atletas deficientes e suas práticas desportivas, desde sua forma mais básica até os campeonatos em nível internacional.

Para que se possa entender a desigualdade de oportunidades provocada por esse problema, que é sobretudo social, é importante salientar os aspectos relativos aos obstáculos de acessibilidade à prática desportiva. A dificuldade de transporte urbano adaptado, a não aceitação de pessoas portadoras de deficiência física em “escolinhas” de iniciação esportiva, as dificuldades da obtenção de equipamentos utilizados, como a cadeira de rodas e, principalmente, o conhecimento das habilidades esportivas aliado à formação profissional das pessoas que trabalham nessa área, são aspectos que pesam nessa discrepância de oportunidades.

Dentro do contexto da formação profissional, um estudo realizado em 14 países da Europa apontou, como um dos problemas que dificultava o desenvolvimento do basquetebol sobre rodas, a ausência de informações corretas sobre o desporto para deficientes, tanto pela sociedade, como pelos profissionais da área de Educação Física (DE POTTER, 1988).

Foi possível também observar a grande problemática com relação a formação profissional das pessoas que trabalham com o basquetebol sobre rodas no Brasil, ao se analisarem os resultados obtidos nos questionários da pesquisa realizada com 10 técnicos no VI Interclubes de Basquetebol sobre rodas.

A formação dos profissionais que hoje trabalham com o basquetebol sobre rodas, no Brasil, apresenta falhas. Esses profissionais não tiveram, em sua formação, os estudos das questões da Educação Física relativas ao portador de deficiência. Podemos relacionar essas questões com as tendências e concepções que são veiculadas nos cursos de Educação Física e que foram afetadas através da influência de diferentes áreas no decorrer da sua história: a médica, a militar, a biopsicosocial e a esportiva.

A Educação Física, dentro de seu contexto histórico, em todos os seus momentos, privilegia um certo tipo de homem e, nesse contexto, não insere o portador de deficiência. Conseqüentemente, na formação acadêmica dos profissionais de Educação Física, priorizou-se por excelência o mais forte, o mais rápido, o mais ágil (RAMOS, 1983).

No Brasil, em decorrência dessas concepções da Educação Física, o início das atividades esportivas para portador de deficiência ficou sob a responsabilidade de pessoas voluntárias que, muitas vezes, nada tinham

em comum com a área de Educação Física (SALGADO, 1993). Esse fato também perdurou por vários anos, entre 1952 a 1980, nos Estados Unidos (BRASILE, 1986).

Apenas a partir de 1986, iniciam-se discussões sobre esse tema nos cursos de Educação Física, através de um grupo de professores coordenados pela então Secretaria de Educação e Desporto/Ministério da Educação e Cultura (SEED/MEC) para analisar o problema e propor soluções sobre essa temática (COSTA, 1993). Dentre essas soluções, podemos citar:

- Atuação emergencial junto aos profissionais que já trabalham na área, com o objetivo de proporcionar reciclagem e atualização;
- Gestionar junto às Instituições de Ensino Superior (IES), para a implementação de cursos de especialização em Educação Física adaptada e, inclusão de disciplinas sobre o portador de deficiência nos cursos de graduação em Educação Física.

Em 1990, após a implementação dessas propostas, a Secretaria do Desporto realiza um levantamento junto às IES do país. Diagnosticou-se que das 108 Escolas de Educação Física existentes no país, 53 ofereciam algumas disciplinas na área da deficiência e, dessas, 37% não possuíam, em seus quadros de pessoal, docentes habilitados para atuarem na área (PETTENGILL, 1992).

Esse fato se relaciona diretamente com o nível de informação adquirido pelos profissionais entrevistados, ou seja, os profissionais, que atuam com o esporte para portadores de deficiência, geralmente adquirem o conhecimento específico através da prática, no seu dia-a-dia de trabalho, dedicando-se, muitas vezes, de forma voluntária a essas atividades (MATTOS, 1990); (SALGADO, 1993).

Dessa forma, as pesquisas relativas à área de Educação Física adaptada à deficiência física, especificamente o basquetebol sobre rodas, ainda é pequena, visto que a implantação das disciplinas específicas nos currículos se deu a partir de 1990 e veio simultaneamente com a reestruturação curricular dos cursos de Educação Física.

SALGADO (1993) relaciona a inexperiência e a falta de informação específica dos profissionais da área de Educação Física com o fato das Universidades, dentro das disciplinas relativas a essa área nos cursos de graduação em Educação Física, não prepararem seus alunos para trabalhar com o esporte para pessoas portadoras de deficiência.

Outro aspecto analisado é o fato de que os profissionais, em sua grande maioria, iniciaram suas atividades no basquetebol sobre rodas, sem possuir nenhuma experiência no basquetebol convencional. Essa questão é bem evidente quando se observam as respostas advindas da questão de nº 11 do questionário aplicado aos técnicos que participaram

do VI Interclubes de Basquetebol sobre Rodas, onde a grande maioria dos profissionais não têm uma metodologia definida para a iniciação do basquetebol convencional e, conseqüentemente, do basquetebol sobre rodas.

A forma como o esporte para deficientes físicos, especificamente o basquetebol sobre rodas, iniciou-se no Brasil, é outro aspecto a ser considerado. Como foi visto em capítulos anteriores, essa modalidade surgiu, mesmo sem uma organização específica, com a conotação competitiva, através de equipes formadas para esse fim, participando de campeonatos internacionais.

Ao trazer o basquetebol sobre rodas para dentro das Universidades, surge a possibilidade de dar-lhe, também, uma conotação de prática esportiva. Possibilita aos alunos em formação a pesquisa nessa área, aliando a prática competitiva das entidades que regem os campeonatos nacionais e internacionais, ao objetivo das Universidades, que é o Ensino, a Pesquisa e a Extensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados obtidos e estudos realizados durante esta pesquisa, conclui-se que:

O basquetebol sobre rodas tem como especificidade aspectos tais como: a cadeira de rodas, a classificação funcional, entre outros. Porém, a metodologia utilizada no basquetebol sobre rodas é a mesma utilizada no basquetebol convencional, não necessitando de profissionais especialistas para trabalharem nessa área, mas de informações adequadas em sua formação profissional.

A maioria dos profissionais que hoje trabalham com o basquetebol sobre rodas tiveram sua formação eminentemente prática, contextualizada em uma estruturação curricular inadequada dos cursos de Educação Física, que não previa a formação desse segmento profissional.

A carência de material bibliográfico que norteie os trabalhos com essa população no desporto em geral e, neste estudo, especificamente o basquetebol sobre rodas, deve levar as entidades de pessoas portadoras de deficiência, as Universidades e segmentos governamentais a trabalharem em conjunto no que diz respeito ao ensino, à pesquisa e à extensão, propiciando maior desenvolvimento nessa área.

As informações contidas na orientação metodológica para o ensino do basquetebol sobre rodas, restringem-se a uma apresentação dos aspectos teóricos, importantes para os profissionais iniciantes ou que já trabalhem na área. Cabe a cada professor adequar suas aulas,

considerando os aspectos técnicos pertinentes às necessidades da clientela.

ANEXO 1: QUESTIONÁRIO APLICADO
PARA COLETA DE DADOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
PROGRAMA DE MESTRADO

Prezado(a) Técnico(a)

Estamos desenvolvendo desde Março de 1995, pesquisa sobre a iniciação do basquetebol sobre rodas, vinculada ao programa de Mestrado da Universidade Estadual de Campinas, que tem como principal objetivo apresentar uma proposta para o ensino do basquetebol em cadeiras de rodas para iniciação.

A finalidade da pesquisa é auxiliar os profissionais que queiram iniciar nesta área, dando subsídios metodológicos consistentes.

Uma das metas previstas na pesquisa inclui a coleta de dados na forma de questionário e entrevista, junto aos profissionais que já atuam nesta área, dando assim o suporte necessário para que a pesquisa seja mais fidedigna possível com a realidade que é vivida pelos profissionais atuantes. Desse modo esperamos contar com sua inestimável colaboração no sentido de responder atentamente a todos os itens do presente questionários. O esforço e o tempo que você emprega agora, com certeza contribuirá em muito para a melhora do nível técnico das equipes iniciantes.

Atenciosamente expressamos a você, nossos sinceros agradecimentos.

Patrícia Silvestre de Freitas

IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Clube: _____

Divisão que participa: _____

Informações acerca da formação Profissional

1- É formado em Educação Física?

☐ Sim☐ Não

2- Qual ano que se formou?

☐ antes de 1980☐ entre 1980 e 1985☐ entre 1985 e 1990☐ acima de 1990

3 - Você teve em sua grade curricular alguma disciplina que tratasse sobre a pessoa portadora de deficiência?

☐ sim☐ Não

INFORMAÇÕES ACERCA DO BASQUETEBOL SOBRE RODAS

4 - Antes de trabalhar com o basquetebol sobre rodas, você já experiências em equipes de basquetebol convencional?
☐ Sim ☐ Não (passe para o item nº 6)

5 - Quanto Tempo?

☐ menos de 2 anos ☐ menos de 5 anos ☐ acima de 5 c

6 - Quanto tempo trabalha com basquetebol sobre rodas?

☐ menos de 2 anos ☐ menos de 5 anos ☐ acima de 5 c

7 - Qual a maior dificuldade encontrada quando do seu inicio basquetebol sobre rodas?

☐ falta de cadeiras de rodas e materiais específicos da modalidade

☐ Desinteresse dos alunos

☐ Falta de informação acerca do basquetebol sobre roc

☐ Falta de material bibliográfico referente a esta área.

☐ Outros, especificar:

8 - Quando você iniciou na área, sua equipe já competia?

☐ Sim ☐ Não

9 - Você trabalha com iniciação no basquetebol sobre rodas?

☐ Sim ☐ Não

ANEXO 2: REGRAS OFICIAIS DE BASQUETEBOL SOBRE RODAS

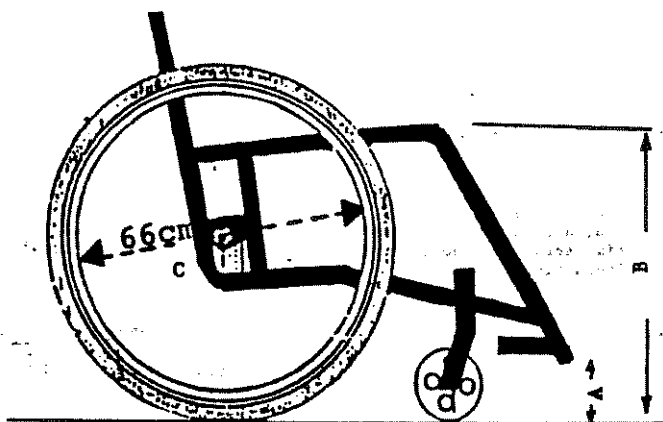
**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS EM
CADEIRA DE RODAS
– ABRADECAR –**

**REGRAS OFICIAIS
1990 – 1994**

ESPECIFICAÇÃO DA CADEIRA DE RODAS

MEDIDAS MÁXIMAS

- A • ALTURA DO SUPORTE DO PÉ (A PARTIR DO CHÃO) 11 CM
- B • ALTURA DO ASSENTO DA CADEIRA (A PARTIR DO CHÃO) .. 53 CM
- C • DIÂMETRO DA RODA MAIOR (INCLUINDO PNEUS) 66 CM



INTRODUÇÃO

Estas regras para o basquete em cadeiras de rodas foram realizadas sob a jurisdição da Federação Internacional do Basquete em Cadeira de Rodas (IWFB) e tem sido compilada como resultado de anos de experiência no campo de esporte em cadeira de rodas para deficientes. São baseadas nas regras estabelecidas pela Federação Internacional de Basquete (FIBA) e somente as modificações e acréscimos a estas foram aprovadas pela IWFB e aqui incluídas.

REGRAS 02 — EQUIPAMENTO

ARTIGO 11 - A Cadeira de rodas (acrescentar)

Particular atenção deve ser dada a cadeira de rodas como parte do jogador. Contravenção às seguintes regras resultará na retirada da cadeira do jogo.

a) Somente uma almofada é permitida no assento da cadeira. Deve ser das mesmas dimensões do assento da cadeira: não mais que 10cm de espessura; exceto para os jogadores pontos 3.5 e 4.0 quando não pode exceder 5cm. Toda ela deve ser da mesma consistência e densidade; suficientemente flexível para permitir que os cantos diagonais se toquem quando dobrada pelo Árbitro e de espessura uniforme. Tábua ou material rígido não são permitidos no assento além da almofada.

b) O suporte dos pés não pode ser mais alto que 11cm medindo do chão até o ponto mais alto e mais adiante.

c) Barras rolantes afixadas na parte inferior do suporte dos pés com o propósito de proteger o solo e pequenas rodas colocadas nas barras posteriores da cadeira com o propósito de segurança são permitidas.

d) A altura máxima do assento da cadeira ao solo deve ser de 53cm.

e) A cadeira deve ter quatro rodas. Isto é, duas rodas grandes atrás e duas pequenas na frente. As rodas grandes, incluindo os pneus, podem ter o máximo 66cm de diâmetro (26").

f) Pode ter um aro de impulsão em cada roda.

g) A parte inferior dos suportes dos pés deve ser feita para prevenir danos ao piso da quadra.

h) Nenhum acessório para dirigir ou frear são permitidos na cadeira.

i) Pneus pretos não são permitidos.

j) Descanso para os braços e outros acessórios para a parte superior do corpo, colocados na cadeira, não devem projetar além da linha das pernas ou tronco do jogador na posição sentada natural.

ARTIGO 12 - Equipamento Técnico (acrescentar)

h) O marcador deve ser provido com um indicador de direção. Este deve ser uma seta branca construída de tal maneira que quando posicionada no placar seja claramente visível pelos jogadores e árbitros. No momento seguinte a bola ao alto onde fica determinado que time ganhou a posse de bola, a seta deverá ser posicionada para mostrar a direção do jogo cujo time será premiado com a próxima posseção, de acordo com o processo alternativo.

REGRAS 03 — JOGADORES, SUBSTITUIÇÕES E TÉCNICOS

ARTIGO 13 - Time (substituto para o terceiro parágrafo e acrescentar o quarto parágrafo)

Cada time não deve ter mais que 10 atletas e um técnico.

Um dos jogadores deve ser o Capitão. Cada time pode ter um Técnico Assistente (ver art.16) em Torneios onde o time tem que jogar mais de três jogos o número de jogadores pode ser aumentado para doze.

Um jogador é um indivíduo que, por causa da severidade de sua deficiência na perna ou porção inferior do seu corpo, como paraplegia, polio ou amputação de uma perna, se beneficiará participando do basquete em cadeiras de rodas e que estaria impossibilitado de jogar basquete se não fosse em cadeira de rodas. Quaisquer destes indivíduos estão ilegíveis para jogar.

Eligibilidade de um indivíduo para participar de uma competição internacional de basquete em cadeiras de rodas será decidido pelo Comitê de Classificação do Jogador da IWFB (Player Classification Committee of the IWFB).

Cinco jogadores de cada time devem estar na quadra durante o tempo de jogo e podem ser substituídos dentro das cláusulas contidas nestas Regras.

Um membro do time é um jogador que está na quadra e é chamado a jogar. Caso contrário ele é um substituto. Um substituto se torna jogador quando o Árbitro acena para ele entrar na quadra, e um jogador se torna substituto quando o Árbitro acena para que aquele jogador o substitua na quadra.

Cada jogador deve ser numerado na frente da sua camisa e deve ter um número colocado proeninentemente nas costas de sua cadeira ou de sua camisa, com números claros e cores contrastando com as cores da camisa. Os números devem ser claramente visíveis; aquele das costas com no mínimo 20cm de altura; aqueles da frente com no mínimo 10cm de altura; feita com um material com não menos que 2cm de largura. Times devem usar números de 4 à 15. Jogadores do mesmo time não devem usar número em duplicata.

O uniforme dos jogadores devem consistir de:

Camisas de uma única cor, na frente e nas costas, devem ser usadas pelos jogadores do mesmo time. Camisas listradas não são permitidas.

Calças de ginástica e calções, de uma única cor, devem ser usadas pelos jogadores do mesmo time.

Camisetas podem ser usadas sob as camisas. Entretanto, estas devem ser da mesma cor da camisa.

Bermudas de lycra que se estendem abaixo dos calções, podem ser usadas, desde que seja mesma cor dos calções.

ARTIGO 16 - Técnicos (substituto para o primeiro parágrafo)

No mínimo 20 minutos antes do jogo iniciar, os Técnicos devem fornecer ao mesário o nome, número e classificação dos jogadores que vão jogar a partida, bem como o nome do Capitão do time, do Técnico e do Assistente Técnico.

REGRA 04 - ÁRBITROS E SEUS DEVERES

ARTIGO 18 - Deveres e Poderes dos Árbitros (substituto para o primeiro parágrafo)

O Árbitro deve inspecionar e aprovar todas as cadeiras de rodas e equipamento incluindo todos os sinais usados pelos Mesários. Ele deve designar o cronometrista e examinar sua operação e também deve examinar o operador de 30 segundos e o do placar. Ele não deve permitir que nenhum jogador use objetos ou cadeiras de rodas que, ao seu julgamento, seja perigosas aos outros jogadores.

ARTIGO 21 - Deveres do Operador de Placar (adicionar no final do primeiro parágrafo)

É o responsável pela operação do indicador de direção relatada no art. 12 (h)

REGRA 05 - REGULAMENTOS DE JOGO

ARTIGO 26 - Bola ao Alto (substituto para o segundo parágrafo)

Durante a bola ao alto os dois jogadores devem colocar suas cadeiras na parte do círculo central que esteja mais perto de sua própria cesta, com uma roda perto da linha do centro que está entre eles. O Árbitro deve jogar a bola para cima (verticalmente) entre os jogadores a uma

altura tal que nenhum dos possa alcançá-la e só então cairá entre eles. A bola deve ser batida por um ou ambos os jogadores após ela ter alcançado o ponto mais alto. Se a bola tocar o solo sem ter sido batida por pelo menos um dos jogadores, a bola ao alto deve ser refeita.

ARTIGO 26 - Bola ao Alto - Processo alternativo (adicionar)

Nas situações de bola ao alto, outras que não a saída em cada tempo de jogo ou em cada período extra, se necessário, os times vão alternar a posse de bola "dando saída fora da quadra".

O time que não ganhou a posse de bola após a bola ao alto inicial em cada período do jogo, iniciará o processo alternativo.

A bola deve ser colocada em jogo pelo time que tem a posse na linha lateral oposta a mesa, no ponto mais perto onde a bola se tornou morta.

ARTIGO 28 - Cesta - Quando feita e seu valor (substituto para o segundo parágrafo)

Uma cesta de campo conta 2 pontos a menos que feita da linha de 3 pontos quando conta 3 pontos (as duas rodas grandes devem estar fora da área de 3 pontos, isto é, as rodas pequenas podem estar na linha ou a frente da linha de 3 pontos), uma cesta do lance livre conta 1 ponto. Uma cesta só conta ponto se feita na cesta em que o time está atacando.

Comentários ao artigo 35 - Quando o jogo está terminado
(Substituto para o quinto período do primeiro parágrafo)

O Árbitro deve iniciar o jogo como se nada tivesse ocorrido, ministrando a violação, a posseção sob o processo alternativo, ou a falta.

REGRA 06 - REGULAMENTOS DE TEMPO

ARTIGO 42 - Como o Jogo é reiniciado (substituto para as seções b e d)

(b) se nenhum time tinha controle, de acordo com o processo alternado como previsto no art. 26 A.

(d) após a bola pressa, de acordo com o processo alternado como previsto no art. 26 A.

REGRA 07 - REGULAMENTOS DOS JOGADORES

ARTIGO 46 - Controle de Bola (substituto para o primeiro parágrafo)

Um jogador está com a posse de bola quando ele está segurando ou driblando uma bola viva ou fora da quadra quando a bola está à sua disposição para um arremesso (veja art. 37 c). É uma violação para um jogador com a posse de bola ou tentando ganhá-la quando:

- a) toca o chão com qualquer parte do seu corpo, exceto as mãos, ou
- b) inclina a cadeira para frente ou para trás, causando tal inclinação que qualquer parte da cadeira toque o solo.

ARTIGO 47 - Jogador fora da quadra - Bola fora da quadra (substituto para o primeiro parágrafo)

Um jogador está fora da quadra, quando ele ou qualquer parte da sua cadeira de rodas toca o solo nas linhas limites da quadra ou para fora destas.

ARTIGO 49 - Driblando (substituto para o artigo inteiro)

Um dribble é feito quando um jogador, tendo ganhado o controle da bola:

- a) toque sua cadeira e drible a bola simultaneamente.
- b) Alternativamente toque sua cadeira e drible a bola. A bola deve ser colocada no colo, não entre os joelhos, enquanto toca a cadeira, e um ou dois impulsos deve ser seguido por um ou mais dribles.
- c) Use ambas as sequências acima alternativamente.

Um jogador que arremessar a bola contra a tabela e tocá-la de novo antes de tocar em outro jogador, comete uma violação, a não ser, que na opinião do árbitro, tenha sido um arremesso.

PENALIDADE

A bola é cedida a um oponente para um arremesso da linha lateral do local mais próximo onde ocorreu a violação.

ARTIGO 50 - a) Impulsionando (adicionar)

Um impulso é feito aplicando um movimento para frente ou para trás com as mãos em uma ou ambas as rodas. Todos os movimentos de PIVOT da roda são considerados impulsos. Comprimir o aro de impulsão das rodas com as mãos numa ação de freio, sem movimento com as mãos para frente ou para trás, não constitui um impulso.

ARTIGO 51 - Progredindo com a bola (substituto para o artigo inteiro)

Um jogador pode progredir com a bola em qualquer direção dentro dos seguintes limites:

- O número de impulsos enquanto segura a bola não deve exceder a dois.
- Qualquer movimento de PIVOT deve ser considerado parte do drible, e limitado a dois impulsos consecutivos sem driblar a bola. Progredir com a bola excedendo estes limites é uma violação.

PENALIDADE

A bola é cedida para um oponente para um arremesso da linha lateral no local mais próximo onde ocorreu a violação.

ARTIGO 52 - BOLA PRESA (substituto para o terceiro parágrafo)

Bola ao alto - Processo alternado aconteça?

- Quando é dado bola presa
- Se a bola vai para fora e o último toque foi dado simultaneamente por dois oponentes, ou se o árbitro estiver em dúvida de quem tocou a bola por último, ou se os árbitros discordarem.
- Sempre que a bola se aloja no suporte da cesta.

Exceções: ver art. 71, 75, 76 e 79.

ARTIGO 54 - Regra dos Cinco Segundos (substituto para o artigo inteiro)

Um jogador não pode permanecer mais de cinco segundos consecutivos no garrafão do oponente, enquanto seu time está com o controle da bola. A restrição de cinco segundos está em vigor em toda a situação da "bola fora de jogo" e a contagem deve iniciar no momento em que o jogador recebe o arremesso de fora da quadra.

As linhas que delimitam o garrafão fazem parte do mesmo e um jogador ou qualquer parte de sua cadeira tocando uma destas linhas está no garrafão. A restrição de 5 segundos não é aplicada enquanto a bola está no ar durante um arremesso para a cesta, durante o rebote, ou quando morta, porque nenhum dos times tem o controle da bola nestas situações. Permissão pode ser dada ao jogador que, estando no garrafão por menos de cinco segundos, dribla para arremessar a cesta. Uma infração a esta regra é uma violação.

PENALIDADE

A bola é cedida a um oponente para um arremesso da linha no local mais próximo onde ocorreu a violação.

ARTIGO 56 - Regra dos Dez dos Segundos (substituto para o segundo parágrafo)

A bola vai para o campo de ataque do time quando toca a quadra além da linha central ou toca um jogador deste time que tem parte de seu corpo ou sua cadeira em contato com a quadra além da linha central.

ARTIGO 58 - Bola retorna ao campo defesa
(substituto para o terceiro parágrafo)

A bola vai para o campo de defesa quando toca um jogador deste time que tem parte do seu corpo ou cadeira de rodas em contato com a linha central ou com a quadra além da linha central ou é tocado por um jogador deste time após ter tocado no campo de defesa.

REGRA 08 - INFRAÇÕES E PENALIDADES

ARTIGO 64 - Arremesso de fora da quadra da linha lateral
(substituto para o primeiro parágrafo)

O jogador que vai arremessar a bola para fora da quadra deve colocar a cadeira com todas as rodas fora da quadra na linha lateral no local mais próximo ao ponto onde a bola saiu da quadra, ou a violação ocorreu ou a falta foi cometida. Dentro de 5 segundos, depois que a bola está a sua disposição, ele deve arremessar, driblar ou passar a bola a outro jogador dentro da quadra. Enquanto a bola estiver sendo passada para dentro da quadra nenhum outro jogador deve ter nenhuma parte do seu corpo ou de sua cadeira sobre a linha limite. A um jogador de ataque só é permitido entrar no garrafão durante uma situação de arremesso lateral quando a bola estiver em jogo.

ARTIGO 65 - Violações de arremesso lateral
(substituto para seções b e c)

b) Qualquer jogador que tendo recebido a bola ou tenha a bola a sua disposição para um arremesso mova-se ao longo da linha do local designado pelo Árbitro antes de soltar a bola para o arremesso.

c) Qualquer jogador que tenha qualquer parte do seu corpo ou cadeira de rodas sobre a linha limite antes que a bola tenha sido arremessada sobre a linha ou tomar o arremesso após o Árbitro tê-lo permitido para outro item.

ARTIGO 66 - Lance Livre
(substituto para o quarto parágrafo)

O arremesso de lance livre deve ser posicionado dentro do semi-círculo atrás da linha do lance livre e pode ser usado qualquer método para arremessar para cesta, com a condição de não tocar a linha de lance livre ou a quadra de jogo, além da linha antes que a bola tenha tocado o aro.

ARTIGO 67 - Cláusulas para violação de lance livre
(substituto para a seção c, emenda de penalidades 2 e 5 e substituto para o parágrafo final).

I . Ele não tocará o solo ou atravessará a linha de lance livre com nenhuma parte do seu corpo ou com nenhuma parte de suas grandes rodas posteriores antes que a bola toque o aro. As rodas da frente podem avançar a linha. Ele não poderá propositadamente enganar ao fazer o lance livre.

II . Nenhum jogador de nenhum time junto da linha de lance livre poderá entrar no garrafão com nenhuma parte do corpo ou cadeira de rodas até que a bola tenha deixado a mão do arremessador do lance livre.

III. Nenhum jogador de nenhum time pode entrar no garrafão com nenhuma parte do seu corpo ou cadeira de rodas até que a bola tenha tocado o aro após o lance livre.....

IV . Nenhum oponente pode desconcertar o arremesso de lance livre.

PENALIDADE

(2) emenda a última sentença do parágrafo 1:

Se a violação de b for para ambos os times, nenhum ponto deve ser marcado e o jogo deve ser retomado, concedendo a bola ao time de acordo com o processo alternado sob o art. 26 A, para um arremesso da linha lateral.

(5) emenda ao último período do parágrafo 1:

Se o lance livre não for bem sucedido, o jogo deverá ser retomado, concedendo a bola ao time de acordo com o processo alternado sob o art. 26 A, para um arremesso da linha lateral.
Apagar o parágrafo final e inserir:
Se um lance livre for realizado, as cláusulas de bola fora e processo alternado se aplicam a uma violação durante o último arremesso de lance livre.

REGRA 09 REGRAS DE CONDUÇÃO

A. RELAÇÕES

ARTIGO 70 - Falta Técnica por jogador
(substituto para seção j, adicionar k,l,m)

- (j) levantar-se da cadeira para levar vantagem, ou
- (k) tirar o pé do suporte dos pés para levar vantagem, ou
- (l) usar qualquer parte do membro inferior para levar vantagem dirigindo a cadeira, ou
- (m) usar a cadeira de rodas contrariando o art. 11 A

B. CONTATOS PESSOAIS

ARTIGO 74 - Falta Pessoal
(substituto para o primeiro parágrafo)

Uma falta pessoal é aquela que envolve contato com o oponente ou sua cadeira se a bola está em jogo, viva ou morta.

ARTIGO 77 - Falta Dupla
(substituto para o parágrafo final da penalidade)

O jogo deve ser recomeçado concedendo a bola para o time de acordo com o processo alternado sob o artigo 26 A, para um arremesso da linha lateral.

C. CLÁUSULAS GERAIS

ARTIGO 87 - Sistema de Pontos

A classificação dos jogadores são determinadas pelo Comitê de Classificação da Federação Internacional de Basquete em Cadeira de Rodas deve ser pontuada com os seguintes valores:

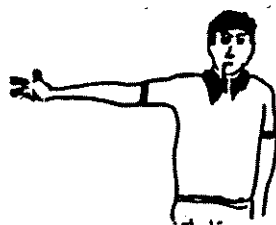
- 1,1.5
- 2,2.5
- 3,3.5
- 4

Em nenhum momento do jogo o time deverá ter jogadores cujo total de pontos exceda a 13,5 pontos. Se, em algum momento durante um jogo um time exceder ao limite de 13,5 pontos, uma falta técnica é dada ao Técnico com a correção dos pontos sendo feita no mesmo momento.

SINAIS DOS ÁRBITROS

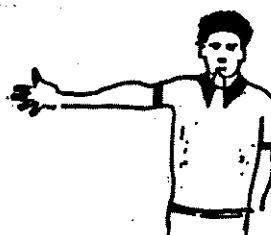
No Basquetebol em cadeira de rodas a sinalização dos árbitros é, basicamente, a mesma utilizada pela FIBA. Somente duas delas são alteradas e outras duas são introduzidas.

As exceções na sinalização dos árbitros de Basquetebol em cadeira de rodas são as seguintes:



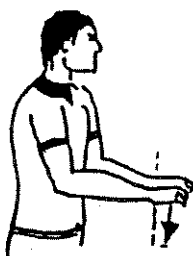
VIOLAÇÃO DOS TRÊS TOQUES NA CADEIRA

Mesma sinalização utilizada pela FIBA para violação da regra dos três segundos.



VIOLAÇÃO DA REGRA DOS CINCO SEGUNDOS

Mesma sinalização utilizada em qualquer outra violação dos cinco segundos.



TOCAR O CHÃO COM O PÉ OU COM O PEDAL DA CADEIRA

Sinalização específica do Basquetebol em cadeira de rodas.



LEVANTAR DO ACENTO

Sinalização específica do Basquetebol em cadeira de rodas.

GLOSSÁRIO

ABRADECAR - Associação de Brasileira de Desporto em Cadeiras de Rodas

ANDE - Associação Nacional de Desporto para Deficientes

WBA - Wheelchair Basketball Association

NWBA - National Wheelchair Basketball Association

ISMG - International Stoke Mondeville Games

ISMGF - Internatinal Stoke Mondeville Games Federation

CORDE - Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência

ONU - Organização das Nações Unidas

ABDC - Associação Brasileira de Desporto para Cegos

ABDA - Associação Brasileira de Amputados

IWBF - International Wheelchair Basketball Federation

NBA - National Baskteball Association

ACM - Associação Cristã de Moços

CBB - Confederação Brasileira de Basquetebol

FIBA - Federação Internacional de Basquetebol

FBB - Federação Brasileira de Basquetebol

IES - Instituição de Ensino Superior

BIBLIOGRAFIA

- ADAMS, Ronald C. et alli. *Jogos, esportes e exercícios para deficientes físicos*. 3. ed. São Paulo : Manole, 1985.
- ADELINO Jorge. *As coisas simples do basquetebol - Desporto do ano 2000, antologia de textos nº 4*. 3. ed Lisboa : Ministério de Educação direção geral dos desportos, 1991.
- ALVES Eduardo. 100 anos de história do basquetebol, Folha de S. Paulo, 5, 6, 7, 8 de Novembro 1996.
- ARAÚJO, Paulo Ferreira de. Desporto adaptado no Brasil : origem, institucionalização e atualidades. Campinas, 1997 240p. Tese (Doutorado em Estudos da Atividade Física e Adaptação) - Faculdade de Educação Física, Unicamp, 1997.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *Apresentação de citações em documentos*: 10520. Rio de Janeiro, 1989. 19p.
- BEDBROOK, G. The development and care of Spinal Cord Paralysis (1918 - 1986)- *Paraplegia* v. 25 nº 3 pp. 172-184.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação física e desporto. Caderno técnico-didático; basquetebol. Brasília, 1980.

BRASILE Frank. Do you measure up? *Sports'n Spokes*, (local de publicação) Vol. 12 pp. 42-47, 1986^a

_____. Performance Evalution of Wheelchair atletes: More than a disability classification level issue. *Adaptated Physical Activity Quarterly* vol. 1, pp. 289-297, 1990

_____. Skills testing and the Wheelchair athlete, Third Paralympic congress, Atlanta 1996

BRASILE, Frank And HENDRICK, N. The Relationship of elite wheelchair basketball competitors to the International function classification system *Therapeutic Recreation Journal*, Second Quarter v.4 p. 114-127 - 1996.

BRASILE, Frank. Wheelchair basketball skills proficiencies versus disability classification. *Adapated Physical Activity Quarterly*, Vol. 3 pp. 6-13, 1986.

BRÖXKES, Susan; HERZOG Hute. *Rollsstuhlversorgung: bei Kinder, Jugendlichen und Erwachsenen*. Köln: mobil mit Rollstuhl 1993.

CURSO de basquetebol sobre rodas. Uberlândia, 1997. Notas de aula.

DAIUTO M. *Basquetebol :Metodologia de ensino* São Paulo 4 ed.: Ed. Companhia Brasil, 1989.

DE POTTER, S.G. Introducion to research in health, pysical education and recreation. *Austalian of Special Education*, Austrálian, 12(1) pp 4-9, 1988.

DEPAUW K.; Susan J. GAVRON. *Disability and Sport*. Champaign : Human Kinetics 1995.

DUARTE Edson. *Educação Física Adaptada: Especialização ou formação Básica?* IN SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA, 1992: São Paulo. ANAIS... São Paulo: USP/EEFUSP/CEPEUSP, 1992 - 55 -59.

EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO PARA PESSOAS PORTADORAS DE DEFICIÊNCIA. Brasília : ed. MEC-SEDES, SES-DN, 1994. Curso de atualização.

ENCONTRO TÉCNICO DE AVALIAÇÃO DESPORTIVA DAS PESSOAS PORTADORAS DE DEFICIÊNCIA DA DÉCADA DE 83/92. Campinas, relatório, 1993 (xerox)

FARIA JR, A. G. *Pesquisa e produção do conhecimento. sociedade Brasileira para o desenvolvimento da Educação física*, Rio de janeiro : Ed. Ao livro técnico.

FERREIRA, Aluísio E. X.; JR Dante De Rose. *Basquetebol: técnica e Tática: uma abordagem didática-pedagógica*, 3 ed. São Paulo : Ed. EPU, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

FIBA. Regras oficiais de basketball 1994-1998. São Paulo ed. Federação Paulista de Basketball 1994.

GENERAL and functional classification guide. IX Paralympic Games, Baarcelona 1992.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação de identidade deteriorada*. 2 ed. São Paulo : Ed. Zahar, 1982,

GUTTMAN, L. *Textbook of sport for the Disabled*. Ayslesbury/Englant: HM & M Publisher 1976.

MANOEL, Edison. São as teorias e métodos de pesquisas existentes sufientes para compreender a experiência da pessoa deficiente? In Simpósio Paulista de Educação física Adaptada, 1994, Usp ANAIS... São Paulo: USP/EEFUSP/CEPEUSP, pp 95 -98.

- MATTOS, E. Esportes adaptados para portadores de deficiência física: Implicações e aplicações. In Simpósio Paulista de Educação física Adaptada, 3, 1990, Usp ANAIS... São Paulo: USP/EEFUSP/CEPEUSP, 1990 - 121 p., pp. 84-88.
- MATTOS, Elisabete. O esporte e o portador de deficiência. In SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA, (1994 Brasília), ANAIS... São Paulo: USP/EEFUSP/CEPEUSP, 1994 - 173 p., pp. 99-103.
- MEDALHA, J. *A invenção foi do Zelador.* A Folha de São Paulo, 02 de Dez., 1996
- MEDALHA J. - Os EUA são o paradigma. A folha de São Paulo, São Paulo, 5/12/96, 1996.
- PARALYMPIC SPIRIT. Unforgettable journey of struggle and triumph, International Paralympic committee, Atlanta S.E.A multimídia 1996.
- PAULA, Rui Souza de. *Basquete: Metodologia do Ensino*, 3 ed. Rio de Janeiro Ed. Sprint 1994.
- PETERGIL, Nilma G. - Formação de recursos humanos para a área do desporto adaptado. In Simpósio Paulista de Educação física Adaptada, 1992, Usp ANAIS... São Paulo: USP/EEFUSP/CEPEUSP, pp 71-74.

POOL, G. M; TRICOT, A - Readness and International Medical Society of Paraplegia: The Sir ludwing Guttman, *Paraplegia* v. 23 nº 3 p. 134-151, 1985.

RAMOS, Jair Jordão. *1907 - 1980. Os exercícios físicos na história e na arte: do homem primitivo aos nossos dias.* São Paulo, Ed. Ibrasa 1983.

REGRAS Oficiais de basquetebol sobre rodas 1990 - 1994. Secretaria do Desporto da Presidencia da República, 1992.

RIBAS, J.B.C. *O que são pessoas deficientes.* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993.

RÚDIO, F. V. *Introdução ao projeto de pesquisa científica.* Petrópolis Ed. Vozes, 1986.

SALGADO Sheila. O esporte como ato motor. In III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA DA FEF, (1993: Campinas). ANAIS...Campinas: UNICAMP, Faculdade de Educação Física, 1993 pp.

SHERRIL, C. *Adapdated physical activity, recreation, and sport: Crossdisciplinary and lifepan* 4th ed. Dubuque, IA : Brown & Benchmark. 1993

SILVA Rossana V. S.; ALVES, M.B. M.; PRINGOLATO E. M. P. *Produção científica em Educação Física e Esportes, dissertações e teses 1979-1994*, Organizadoras: Núcleo Brasileiro de dissertações e teses em Educação física e esportes, Uberlândia, UFU/NUBRADITEFE Vol. 1. 1996.

SILVA, O. M. A epopéia ignorada; a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje. 2 ed. São Paulo : CEDAS, 1986.

SOMBRA, Luzimar. Educação e integração profissional de pessoas excepcionais: análise da legislação. Rio de Janeiro, 1983. Dissertação de mestrado Universidade Federal do Rio de Janeiro : 1983.

STROHKENDL, H. The 50th Anniversary of wheelchair basketball. Münster; New York : Ed. By Armand Tip Thiboutot: Waxmann, 1996.

_____. *Rollstuhlsport für Anfänger*. Hamburg: Lübeck: Schimdt-Römhild 1989.

SUPERAÇÃO. Esporte entre portadores de deficiência, Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, Mar. 1988

THIBOTOUT, T. Classification: Time for change. *Sports'n Spokes*, Canadá Vol.11, pp. 42-44 1994.

- TOLOCKA, R. E. Atividade Motora e a Reabilitação de pessoas acometidas por traumatismo medular. 1994 n^a pg dissertação (mestrado em estudos da atividade física e adaptação) Faculdade de Educação Física UNICAMP 1994.
- TOQUE A TOQUE. Revista técnica da ABRADACAR Rio de Janeiro Setembro/Outubro nº 1 Ano1 1988.
- TRIVINOS Augusto N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo*. 2^a ed. São Paulo : Ed. Atlas, 1987.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Biblioteca central. *Normas técnicas para apresentação de trabalhos*. 4 ed. Curitiba: UFPR, 1994. 8v.
- VANLADEWIJCK, SPEDEPEN AND LYSENS. Relationship between the level of physical impairment and sports performance in elite wheelchair basketball athletes, *APAQ EUA Vol. 12* pp. 139-150 1995.
- VARELA Ana. Desporto para as pessoas com deficiência. Expressão distinta do desporto. *Educação Especial e Reabilitação* Lisboa Vol. 1 nº 5/6 Junho/Dezembro Universidade técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, Educação Especial e reabilitação.

WINNICK Joseph P. *Adapted physical education and sport*, 2 ed. New York N.Y ed. Human Kinetics 1995.